

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**DANIELE PIO FALCÃO**

**PEDRO PEDRA: ANÁLISE DA OBRA COMO UM ROMANCE DE FORMAÇÃO  
JUVENIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A BUSCA DE IDENTIDADE E  
PERTENCIMENTO DO JOVEM LEITOR**

**Bagé**

**2023**

**DANIELE PIO FALCÃO**

**PEDRO PEDRA: ANÁLISE DA OBRA COMO UM ROMANCE DE FORMAÇÃO  
JUVENIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A BUSCA DE IDENTIDADE E  
PERTENCIMENTO DO JOVEM LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo

**Bagé  
2023**

F178p Falcão, Daniele Pio

Pedro pedra: Análise da obra como um romance de formação juvenil e sua contribuição para a busca de identidade e pertencimento do jovem leitor / Daniele Pio Falcão.

58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2023.

Orientação: Zíla Leticia Goulart Pereira Rêgo

1. Romance de formação juvenil. 2. Literatura juvenil. 3. Leitura enquanto experiência. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**DANIELE PIO FALCÃO**

**PEDRO PEDRA: ANÁLISE DA OBRA COMO UM ROMANCE DE FORMAÇÃO  
JUVENIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A BUSCA DE IDENTIDADE E  
PERTENCIMENTO DO JOVEM LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 24 de janeiro de 2023

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo  
Orientador

(UNIPAMPA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Miriam Denise Kelm  
(UNIPAMPA)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Fabiane Verardi  
(UPF) – via Google Meet



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/01/2023, às 20:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Fabiane Verardi, Usuário Externo**, em 24/01/2023, às 21:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/01/2023, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1037297** e o código CRC **BB32B22C**.

Referência: Processo nº 23100.001544/2023-61 SEI nº 1037297

A todos os jovens que se entregam aos bonitos processos de amadurecimento da vida e às experiências de busca e encontro de si, da sua identidade e do seu lugar no mundo.

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por guiar o meu caminho até aqui me mantendo com saúde e força, possibilitando a conclusão desta etapa tão especial e importante em minha vida.

Agradeço a minha família, principalmente aos meus pais, Isabel e Humberto, que durante esses quatro anos não mediram esforços para que fosse possível que eu estivesse aqui e pudesse me dedicar quase que exclusivamente aos meus estudos, reconheço que poder fazer isso é um privilégio. Sou grata por toda a parceria e cumplicidade de sempre, pela oportunidade de dividir todos os momentos da minha vida com pessoas tão incríveis. E também agradeço por toda a compreensão e auxílio em momentos rotineiros, eles estiveram e estão sempre ao meu lado, me apoiando. Agradeço todo o cuidado e dedicação, por acreditarem em mim e nos meus sonhos e construí-los junto comigo, e também agradeço pelas coisas mais simples da rotina, como as caronas, as conversas, por compreender as minhas ausências quando se fez necessário devido às tarefas que a graduação exige. Amo muito vocês. A vocês minha eterna gratidão.

Agradeço ao meu namorado, amigo e parceiro de todas as horas, Diego, que chegou na minha vida quando eu já estava com boa parte do curso concluída, mas acompanhou as etapas mais decisivas e difíceis da minha graduação e foi um motivador e porto seguro essencial em todos os momentos. Agradeço pela motivação, compreensão e apoio, por acreditar em mim, nos meus sonhos, ir em busca deles junto comigo e principalmente não deixar que eu mesma duvidasse de mim e da minha capacidade de conquistar meus objetivos. Pelo carinho, pelos passeios, risadas, por todos os momentos de descontração, e por ser abrigo quando a ansiedade chegava. Muito obrigada por tudo sempre. Amo tu.

Agradeço aos meus amigos pela compreensão, pelas conversas e pelo apoio. E um agradecimento mais do que especial a minha amiga e chefe Ana, pelas horas de

conversa, pela amizade e parceria nesses doze anos em que compartilhamos tantas histórias juntas, pelo apoio de sempre, por acompanhar e contribuir com o meu crescimento como pessoa e profissional, muito obrigada por tudo desde sempre. É maravilhoso poder dividir a vida contigo. Amo tu.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam nessa jornada e como verdadeiros mestres contribuíram tanto com meu crescimento profissional como pessoal. Na graduação aprendemos muito além do que a profissão exige, aprendemos a ser mais humanos também. Agradeço também aos professores orientadores dos projetos dos quais fiz parte como bolsista, o PIBID e o PET-Letras, tudo que aprendi nesses dois momentos da graduação contribuíram para que eu chegasse até aqui. Levo o conhecimento que adquiri e os ensinamentos de todos comigo, muito obrigada.

Agradeço especialmente à minha professora e orientadora Zíla, pela orientação impecável neste trabalho, pela dedicação, compreensão, motivação e apoio. Zíla, tua excelência, dedicação e leveza me influenciaram para que escolhesse a área da literatura juvenil para esta pesquisa e também fez com que eu me apaixonasse ainda mais pela grande área da literatura, muito obrigada por isso também. Com certeza levarei sempre comigo os ensinamentos das tuas aulas e das orientações, de todas as conversas que tivemos e tudo que aprendi contigo principalmente neste último ano. Em meio a minha ansiedade e expectativas para a produção do tcc, com a tua calma e paciência, fizestes com que todo esse processo fosse mais leve e tranquilo, muito mais do que pensei que seria, aliás. Sem as tuas orientações e ensinamentos essa pesquisa não seria possível de ser realizada. Minha gratidão.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à UNIPAMPA por todo o acolhimento e suporte oferecidos pela instituição nesses quatro anos de curso, obrigada por proporcionar educação pública de qualidade para todos, obrigada por contribuir com a realização de sonhos e transformar vidas.

De qualquer forma, se fosse colocar em palavras com detalhes todo o empenho e contribuição de quem me acompanhou até aqui, poderia escrever um livro, deixo minha gratidão a todos, principalmente aqueles que acompanharam de pertinho, estiveram e estão lado a lado comigo.

Pois como diz Ernest Hemingway:

“– Quem estará nas trincheiras ao teu lado?

– E isso importa?

– Mais do que a própria guerra.”

“Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.”

Fernando Pessoa

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo a análise da obra **Pedro pedra**, do autor Gustavo Bernardo, enquanto romance de formação e a discussão sobre seu papel na busca de identidade dos jovens leitores. Como referencial teórico, este trabalho se baseia principalmente nos trabalhos de PUGA (2016), SANTOS (2016) e LARROSA (1996 e 2002), que trazem conceitos sobre o romance de formação clássico e suas transformações na contemporaneidade, literatura juvenil e as características desse gênero, considerando o reendereço de muitas obras que agora são classificadas como tal, e ainda sobre a leitura enquanto experiência de transformação para o jovem leitor, respectivamente. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foi constatado que a obra **Pedro pedra** pode ser considerada como um romance de formação contemporâneo dentro do espectro da literatura juvenil, visto que apresenta características do *bildungsroman* após sua transformação a partir da obra inaugural do gênero clássico. Constatamos, também, que a obra pode provocar nos jovens o amadurecimento emocional e o impulso de busca por sua própria identidade a partir das experiências e transformações vivenciadas pelo personagem principal.

Palavras-Chave: romance de formação; literatura juvenil; leitura enquanto experiência; **Pedro pedra**.

## ABSTRACT

The main objective of this paper is to perform the analysis of the book **Pedro pedra** written by Gustavo Bernardo, as a novel of education and the discussion on its role in the young readers' search for identity. As a theoretical framework, this paper is based primarily on the researches of PUGA (2016), SANTOS (2016) and LARROSA (1996 and 2002), that bring the concepts on classical novel of education and its transformations in the contemporaneity, juvenile literature and the characteristics of this genre, taking into account the readdressing of many novels that are now classified as such, and on reading as an educational experience of transformation for the young reader, respectively. During the development of the research, it was verified that the book **Pedro pedra** can be considered as a contemporary educational novel in the spectrum of the juvenile literature, given that it presents characteristics of *bildungsroman* after its transformation from the original book of the classical genre. We also identified that the book can provoke in the young readers the emotional growth and impulse of search for their own identities from the experiences and transformations lived by the main character.

Keywords: educational novel; juvenile literature; reading as experience; **Pedro pedra**.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ROMANCE DE FORMAÇÃO</b>	
2.1 Definição de <i>bildungsroman</i> .....	14
2.2 Classificação dos tipos de romance de formação.....	17
2.3 Transformação do gênero clássico.....	20
<b>3 LITERATURA JUVENIL E O ROMANCE DE FORMAÇÃO</b>	
3.1 Características da literatura juvenil.....	23
3.2 Aproximações entre literatura juvenil e romance de formação.....	27
<b>4 LEITOR JOVEM E EXPERIÊNCIA DE LEITURA.....</b>	<b>32</b>
<b>5 PEDRO PEDRA E A FORMAÇÃO DOS LEITORES JOVENS</b>	
5.1 Formação do jovem Pedro.....	35
5.2 Experiências e transformações: de Pedro aos leitores.....	49
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a obra **Pedro pedra**, de Gustavo Bernardo, como um romance de formação e investigar sua contribuição na busca de identidade dos jovens leitores.

Os romances de formação estão presentes na nossa cultura, no mínimo, desde o século XIX. As primeiras obras do gênero já tratavam das questões dos jovens e retratavam suas experiências, ainda que não fossem destinados exclusivamente para o leitor juvenil. Na atualidade, eles estão presentes na literatura sob a forma dos romances juvenis, ainda apresentando algumas das características clássicas, porém, adaptados para atender ao público jovem. Nesta pesquisa analiso se a obra **Pedro pedra** se enquadra nessas características.

A literatura juvenil foi, e por vezes ainda é considerada como um tipo de segmento literário talvez sem tanta importância como outros. O subgênero nem sempre foi reconhecido e valorizado como tem sido na atualidade. Por outro lado, muitos dos chamados romances de formação clássicos, apesar de corresponderem às expectativas por obras que poderiam facilmente ser indicadas para o jovem leitor, não são destinados para o público juvenil e nem reconhecidos como tal. No artigo “Narradores adolescentes na literatura contemporânea: na fronteira entre a literatura juvenil e a adulta” (2019), a autora Ana Margarida Ramos nos fala sobre isso, mencionando uma espécie de limbo em que a literatura juvenil se encontra, por ser um nicho ainda indefinido, onde é difícil de classificar as obras que fazem parte dele ou não.

No entanto, estamos presenciando um crescimento da literatura juvenil e também há o reendereço de obras, que outrora classificadas em outras áreas, mas hoje, visto as suas características, passam a ser consideradas como literaturas para jovens. Na atualidade, já existem editoras que direcionam parte de sua produção e distribuição exclusivamente para as obras da literatura juvenil, como é o caso de **Pedro pedra**, que hoje é publicado por uma editora que destina inclusive boa parte de sua produção e distribuição para o público jovem. É importante, portanto, que possamos conhecer mais e proporcionar o devido reconhecimento sobre a relevância e as contribuições que a literatura juvenil tem para o

desenvolvimento dos jovens. Para isso, neste trabalho, estudo diferentes campos do conhecimento, como a literatura juvenil, os romances de formação e a leitura como experiência.

A obra **Pedro pedra** foi publicada originalmente no ano de 1982 pela editora Lê, tendo passado por quatro edições diferentes, e atualmente é publicada pela Rocco. A edição utilizada neste trabalho e sobre a qual irei debruçar os meus estudos é a primeira edição lançada pela Editora Rocco no ano de 2010. Essa versão, em especial, traz na capa e contracapa uma ilustração com a letra P maiúscula que carrega aparência e textura de pedra, um detalhe que atesta a preocupação com o projeto gráfico e sua capacidade de atrair os leitores, também, por esse aspecto.

Gustavo Bernardo Galvão Krause, autor da obra, é nascido no ano de 1955, no Rio de Janeiro. Ele é Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição onde atua como professor desde 1978. Desde o ano de 2016, é Diretor do Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA) da UERJ. Bernardo é pesquisador 1D do CNPq. Sua primeira publicação e único livro de poemas é **Pálpebra** (1975). Suas publicações posteriores incluem **Pedro pedra** (1982), **Me nina** (1989) e **A alma do urso** (1999). E dentre suas outras obras publicadas encontram-se: **Lúcia** (1999), **Desenho mudo** (2002), **O mágico de verdade** (2006), **Reviravolta** (2007), **A filha do escritor** (2008), **Monte Verità** (2009), **O gosto do apfelstrudel** (2010), **Nanook** (2016) e **O fantasma da mãe** (2020). Ainda publicou 15 ensaios, dentre eles, encontramos títulos como **Redação inquieta** (1985), **Quem pode julgar a primeira pedra** (1993), **A dúvida de Flusser** (2002) e **Verdades quixotescas** (2006).

**Pedro pedra** foi o primeiro romance escrito por Gustavo Bernardo e até hoje é sua publicação mais vendida. A obra foi premiada duas vezes: em 1981, recebeu o Prêmio Altino Arantes da Biblioteca Altino Arantes, de Ribeirão Preto, São Paulo, e no ano de sua estreia, em 1982, recebeu Láurea de Altamente Recomendável para Jovens da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Para sabermos se é possível considerar **Pedro pedra** como um romance de formação e de que forma ele pode contribuir para a busca e construção da

identidade do jovem leitor, analiso a obra partindo do estudo do conceito, características e evolução do gênero romance de formação e da literatura juvenil, e também analiso e reflito sobre suas contribuições para a formação de identidade dos leitores jovens. Para tanto, esta análise tem como base os conceitos de *bildungsroman* abordados por Moretti (2020), Rocha (2021), Puga (2016) e Maas (2000). Partindo para os estudos da literatura juvenil encontro base teórica nos trabalhos de Zilberman (2019), Ramos (2019) e Santos (2016). E ainda, a fim de tratar do leitor jovem e da leitura enquanto experiência trouxe aqui os conceitos de Larrosa (1996 e 2002), onde o autor caracteriza a leitura enquanto experiência de transformação e amadurecimento para o jovem leitor.

A escolha por trabalhar na análise tanto da área de literatura juvenil quanto da temática que aborda a busca da identidade do jovem se dá pelo meu interesse e amor, primeiramente, pela literatura em geral, o que contribuiu muito para a minha escolha, inclusive, de ingressar no curso de Letras, e pelo fato de que, durante o curso, um dos componentes que mais me encantou foi Literatura para Crianças e Jovens. Antes de realizar esse componente, e muito antes de ingressar no curso, já me interessava bastante por obras dessa área, mas foi nesse componente que descobri o encanto ainda mais presente pela Literatura Juvenil, pois foi onde tive um contato muito maior com obras para essa faixa etária e com o romance juvenil **Pedro pedra**. Ler essas obras me fez voltar à minha própria adolescência e me fez lembrar que foi lá onde eu comecei a me tornar uma leitora. Pensando nisso, fui investigar, na minha própria memória, o motivo por eu ter me aproximado do mundo literário desde a adolescência, e descobri que foi tanto pelo incentivo que tive à leitura, quanto por ter disponíveis obras que retratavam o meu mundo, que chamavam a atenção do meu eu adolescente. Nisso, percebi a importância dessa área da literatura e dessas obras que retratam a realidade dos jovens, por isso segue latente a vontade de analisar como essas obras são apresentadas agora, aos jovens de hoje.

Essa pesquisa está organizada em quatro capítulos que se distribuem da seguinte forma: no capítulo 2, intitulado Romance de formação apresento o conceito do *bildungsroman* ou romance de formação, suas classificações e transformações

ao longo dos anos. No capítulo 3, com o título Literatura juvenil e o romance de formação, trago as características da literatura juvenil e suas aproximações com o romance de formação. Logo em seguida, no capítulo 4, intitulado Leitor jovem e experiência de leitura, é o momento em que reflito sobre os conceitos de experiência e de leitura enquanto experiência, e ainda sobre as transformações que provocam nos jovens leitores. No capítulo 5, **Pedro pedra** e a formação dos leitores jovens, por fim, é onde apresento o autor Gustavo Bernardo e sua obra **Pedro pedra**, a formação do jovem Pedro e as experiências, transformações e amadurecimento que a obra pode proporcionar aos leitores, a partir das experiências do jovem protagonista.

## 2 ROMANCE DE FORMAÇÃO

### 2.1 Definição de *bildungsroman*

Os chamados romances de formação (*bildungsroman*), não surgem agora, no mundo contemporâneo, e sim há séculos, surgindo na Alemanha no séc. XVIII (ROCHA, 2021), portanto, seguem uma tradição de representatividade da juventude em várias épocas culturais, históricas e sociais e acompanham as mudanças que surgem ao longo do tempo no modo de vida adotado pelos jovens em cada época, nesse curto, porém marcante período de tempo das nossas vidas que é a juventude e adolescência.

Voltados a trazer uma formação mais humanista, essa categoria dos romances acompanha esse lado dos jovens, dentro da temática da busca pela sua identidade e pertencimento, ao mesmo tempo em que ainda incentiva o interesse pela leitura, justamente por apresentar essa representatividade do público jovem dentro das suas narrativas, trazendo narradores e personagens nos quais o jovem se veja representado em todo o seu processo de formação, identificação e pertencimento no mundo. O romance de formação é e faz parte desse processo na construção de identidade e busca de si mesmo dos jovens, pois esse tipo de obra envolve uma consciência de transformação pelo protagonista, ele de fato experiencia tudo que está acontecendo ao longo da narrativa, e possui plena consciência das transformações que essas experiências trazem a sua vida. O autor Franco Moretti em sua obra **O romance de formação** (2020), nos fala o seguinte sobre essas obras:

E uma excelente maneira de libertar uma palavra-chave da modernidade – “experiência” – de sua prisão metafísica, oferecendo uma forma concreta ao seu sentido de descoberta livre do perigo e a ideia de uma renovação profunda, até mesmo sem traumas. Se não fosse o episódio do romance, que nos ensinou a reconhecer as feições de experiência, talvez esta seria, para nós, menos importante. (MORETTI, 2020, p. 351)

O romance de formação tem surgimento na Alemanha no ano de 1796, a partir da publicação da obra **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Johann Wolfgang von Goethe. Já o termo *bildungsroman*, foi citado pela primeira vez somente no ano de 1810, por Karl von Morgenstem, em um curso ministrado por ele. Em uma tradução livre, lemos *bildung* como formação, desenvolvimento, educação

(sendo que os primeiros romances de formação eram chamados romances de educação), e *roman*, como romance.

A seguir, o autor Rogério Puga, em seu trabalho “O *Bildungsroman* (Romance de Formação) Perspectivas”, nos traz informações sobre a origem exata do romance de formação e do termo *bildungsroman*:

O termo *Bildungsroman* é cunhado por Karl von Morgenstern (1770- 1852) em 1810, num curso por ele leccionado («Ueber den Geist und Zusammenhang einer Reihe Philosophischer Romane») e em duas comunicações intituladas «Ueber das Wesen des Bildungsroman» (1820) e «Zur Geschichte des Bildungsromans» (1824), e não por Wilhelm Dilthey na sua biografia de Friedrich Schleiermacher, *Leben Schleiermachers* (1870), como durante muito tempo se julgou. (PUGA, 2016, p. 10 e 11)

Em 1824 Morgenstern define o romance de formação e destaca a sua função didáctica ao afirmar que podemos chamar *Bildungsroman* a um romance a partir do seu conteúdo, “pois este representa o início da *Bildung* (formação) do herói e o seu desenvolvimento até um determinado estágio de progresso, mas também porque essa mesma representação promove a *Bildung* estético-espiritual do leitor como nenhuma outra forma de romance” (Karl Morgenstern, «Zur Geschichte des Bildungsromans», *apud* Kontje, 1993: 15-16, tradução nossa). (PUGA, 2016, p.11)

Wilma Patricia Maas, em sua obra **O cânone mínimo: O *Bildungsroman* na história da literatura** (2000), também aponta a obra de Goethe como inaugural do gênero romance de formação, mas destaca que outros autores passaram a se dedicar à escrita dos romances de formação na sequência. A autora confirma a informação citada anteriormente por Puga, de que o termo *bildungsroman* teria surgido alguns anos depois da ascensão do gênero romance de formação, em 1810, mas destaca as modificações que o termo sofreu desde então. Como constatamos a seguir:

Acompanhar a trajetória do gênero *Bildungsroman* ao longo da história literária significa acompanhar a evolução, involução e estabilização da própria historiografia; como também os processos de assimilação e deglutição dos paradigmas universalmente aceitos como “cânone ocidental” pelas literaturas mais jovens das Américas. É assim, por exemplo, que a crítica literária no Brasil se dispõe a reconhecer a existência de um *Bildungsroman* brasileiro, transfigurado e antropologizado por um viés antieurocêntrico que viu no idealismo burguês e masculino do romance de Goethe um exemplo de chauvinismo literário; é assim também que, dentro da produção literária em língua alemã, o romance de Günther Grass, *O tambor* (1959), pode ser considerado um exemplo “radical e vertiginoso” do romance de formação tradicional da época goethiana. (MAAS, 2000, p.16)

Obras como os chamados romances de formação, os *bildungsroman* podem ser relevantes para a inserção dos jovens leitores no mundo literário. Essas obras são atemporais e com suas características como um enredo em que ocorre o desenvolvimento do personagem, tanto no tempo cronológico como nas fases da vida e no seu amadurecimento emocional, chamam a atenção de leitores de uma faixa etária que se encontra passando por essas mesmas mudanças em suas vidas.

Os *bildungsroman* nos apresentam o processo de formação enquanto pessoa do jovem personagem até a fase inicial da vida adulta, o que caracteriza o despertar do interesse do jovem leitor que se identifica com essa etapa. Considera-se principalmente a forma como se desenvolve o amadurecimento do personagem nessas obras, e apesar de termos uma visão da transformação cronológica e crescimento, a observamos em segundo plano, o que nos toca é o amadurecimento emocional, a visão de mundo e a vida do personagem, e isso não necessariamente implica mudanças drásticas na idade cronológica.

Rogério Puga também defende essa ideia e para isso cita Helena Buescu, como podemos ver a seguir:

De acordo com Helena Buescu (154), no *Bildungsroman* o relevante não é tanto o processo de envelhecimento, mas sim o de amadurecimento, pois a aprendizagem é, sobretudo um processo qualitativo, dependendo das experiências vividas, e não tanto quantitativo, ou seja, não depende apenas dos anos que passam. (PUGA, 2016, p. 13)

Observamos que as obras classificadas como romances de formação ou que trazem características dos mesmos retratam os processos de amadurecimento emocional do protagonista, e essa metamorfose ocorre de fora para dentro e vice-versa, independentemente da quantidade de tempo que se passe. O sentir de outras formas e as transformações vivenciadas pelo personagem são resultado das vivências e da interação com o meio, com o lado de fora, que possibilita o amadurecimento. Portanto, os romances de formação representam essa realidade, se aproximam da vivência do leitor e vice-versa, o que contribui não somente para que o jovem desenvolva a sua leitura, mas para que o leitor se reconheça e se transforme também enquanto pessoa.

Como vimos, independe do tempo transcorrido para que o amadurecimento e as transformações sofridas pelo protagonista se concretizem, e mais do que isso, os momentos mais relevantes da trajetória do personagem são justamente esses, em que ele se percebe em transformação ou transformado, emocionalmente desperto e com aprendizagens e ensinamentos novos vivenciados e conquistados.

Essas mudanças se refletem no exterior, mas também partem dele, pois o contato com o meio é o que nos transforma, o meio em si tem um papel bem importante na condução das experiências que vivenciamos, e são justamente essas vivências externas que nos tocam, nos rasgam e nos transformam, e é exatamente a partir dessas experiências e transformações vividas e narradas através dos personagens dos romances de formação, que leitores também são transformados, desfrutam de aprendizagem e amadurecimento e tudo isso os impele na busca pela sua própria identidade e pertencimento.

Os romances de formação, ainda que muitas obras mesmo apresentando características do gênero não sejam reconhecidas como tal, atravessam os leitores, os tocam de uma forma em que não é possível voltar atrás. E justamente por essas características e por toda essa carga que essas leituras carregam, elas são tão importantes e passam a contribuir com a formação da identidade do leitor.

## **2.2 Classificação dos tipos de romance de formação**

As obras pertencentes ao gênero romance de formação não apresentam sempre as mesmas características. Ao longo do tempo, o gênero se tornou mais flexível e com isso surgiram vários tipos de romances que se classificam como de formação. Sabendo disso, ressalto que ainda que uma obra não apresente todas as características clássicas propostas para o gênero, ela pode ser considerada um *bildungsroman*. Rocha nos confirma essa ideia quando afirma:

Um dado relevante a respeito do romance de formação é a sua flexibilidade. Diversos estudos coincidem sobre o fato de que é um gênero muito maleável e que, assim como para alguns, certas obras podem ser consideradas de tal forma, para outros, as mesmas obras não se encaixam nesta categoria.

MAAS (2000) explica que as definições encontradas em enciclopédias literárias apontam o *Bildungsroman* como um gênero extremamente datado, restrito ao contexto de publicação de *Os anos de aprendizagem de Wilhelm*

*Meister* na Alemanha, mas, ao mesmo tempo, identificam obras que fogem dessa definição como representantes do gênero. (ROCHA, 2021, p. 18)

Após observar a origem exata do gênero romance de formação, podemos perceber algumas subdivisões que ocorrem dentro do gênero de acordo com as características que as obras apresentam. A partir desses aspectos, o linguista russo Mikhail Bakhtin, em sua obra **Estética da criação verbal** (1997), classifica as subdivisões do gênero de acordo com o período histórico em que foram produzidos e com as características apresentadas.

Segundo Bakhtin, existem cinco tipos de romance de formação e a seguir veremos as principais características de cada uma dessas subdivisões. O primeiro tipo apresenta obras que compreendem a transição do personagem da fase mais sonhadora da adolescência para a vida adulta em que adquire maturidade, e esse processo é resultado das experiências que vive. As obras em que há um herói durante toda a narrativa e que presencia todas as experiências e desenvolvimento do personagem desde a sua infância até a senilidade correspondem ao segundo tipo de romance de formação. O terceiro tipo é o classificado como *bildungsroman*, que segundo Bakhtin pode ser autobiográfico, onde as vivências de amadurecimento e desenvolvimento do próprio autor podem se transformar nas experiências (ou em parte delas) da vida do personagem. Temos também o chamado romance de educação, nessas obras o personagem principal tem seu ápice de amadurecimento como já nos mostra a nomenclatura, a partir da educação, ou seja, o seu desenvolvimento enquanto pessoa está atrelado ao seu desenvolvimento pedagógico e educacional. E por fim, temos o tipo considerado o mais importante para Bakhtin, onde as experiências e transformações do personagem ocorrem juntamente e de acordo com as transformações históricas reais do mundo.

Existe também, segundo Rocha (2021), uma distinção entre algumas nomenclaturas, pois o *bildungsroman*, como já vimos, é o romance de formação em si, mas pelo fato de o gênero se subdividir em outras classificações, também existe o romance de educação, denominado de *erziehungsroman*, e o romance de desenvolvimento, nomeado *entwicklungsroman*. Cada uma dessas denominações possuem características específicas que foram surgindo ao longo do tempo e

também de acordo com as particularidades observadas nas obras que compreendem uma ou outra subdivisão do gênero.

O *bildungsroman* no qual vamos nos deter aqui, apesar de compreender obras que narram o passar do tempo, a transição entre as fases da vida, como da adolescência para a vida adulta, por exemplo, não necessariamente necessita apresentar essa característica de um grande salto no tempo na vida do personagem. O que realmente a obra quer transmitir e transmite, é o desenvolvimento, o amadurecimento em si do protagonista, independentemente do tempo que ele leve para alcançar um amadurecimento significativo durante a narrativa.

No trecho a seguir, Rocha (2021) cita essa característica que notamos no *bildungsroman*:

Em meio a tantas concepções apanhadas pelo autor, se sobressai a de Helena Buescu (1995 *apud* PUGA, 2016), que entende o *Bildungsroman* não só como a obra que retrata um processo de envelhecimento e passagem do tempo, mas de amadurecimento e aprendizagem, independentemente de qual o tempo levado nesse processo. Vale lembrar que algumas obras podem iniciar na infância do protagonista e terminar na vida adulta, enquanto outras iniciam na adolescência e terminam na vida adulta. Para esse desenvolvimento ocorrer, é normal que a imaginação do protagonista seja um fator crucial na busca pela sua identidade, assim como são comuns “A descoberta do amor e da sexualidade, a nudez e as transformações que o corpo do adolescente/jovem sofre” (2016, p.29), simbolizando externamente o crescimento interno do jovem. (ROCHA, 2021, p. 19)

Através do imaginar, de um refletir de forma até mesmo mais lúdica, o protagonista se vê diante das experiências propriamente ditas, o que torna ainda mais rico o seu desenvolvimento frente às situações reais de amadurecimento que está experienciando, pois se dá de forma natural, uma vez que a natureza da criança é bastante imaginativa. Ela cria histórias e situações na mente. Todo esse processo colabora de forma positiva durante essas transições da fase da infância para a adolescência, e após, para o início da vida adulta.

Portanto, o papel que a imaginação do protagonista representa nas narrativas é bem importante na busca pela sua identidade, e é claro que isso vai se refletir na vida dos leitores que acompanham o amadurecimento emocional e as

transformações dos personagens. Em obras como a que estamos analisando, onde o protagonista se percebe nas próprias vivências e através da sua imaginação, às vezes, até mesmo se distancia delas, sem deixar de vivê-las, o imaginar, o pensar realidades diferentes para determinada experiência contribui bastante com o desenvolvimento, a aprendizagem e o amadurecimento do protagonista.

### **2.3 Transformação do gênero clássico**

Após analisarmos o conceito, a origem, as características iniciais do romance de formação, e entendermos o quanto obras como essas podem ser flexíveis quanto às suas particularidades, podemos perceber o quanto esse gênero sofreu transformações ao longo do tempo e da história, ao ponto de, na contemporaneidade, apresentar particularidades distintas das obras que inicialmente eram classificadas como *bildungsroman*.

Começo mencionando Moretti (2020), para quem o gênero passou por uma crise na mudança do século XIX para o século XX. Segundo o autor, até quase o final do século XIX, o romance de formação estava ligado a três aspectos: às mudanças históricas na sociedade representadas pelos jovens, às obras que focavam também na “natureza nova, flexível e antitrágica da “experiência” moderna” (MORETTI 2020, p. 346), e também, à exploração de personagens comuns, em especial na figura do anti-herói.

Os motivos pelos quais essas mudanças se concretizaram e construíram essa transformação no gênero, o que ainda fez com que um leque de novas características nascessem dentro do romance de formação, foram não somente as transformações históricas, mas também as mudanças sociais, as alterações ocorridas nas relações entre os indivíduos. A partir de então, as relações sociais passaram a ser retratadas nas obras diferentemente de como eram no início, onde víamos somente as relações entre as pessoas, agora, passamos a perceber essas relações sendo representadas de forma mais ampla. Nesse momento, as ligações sociais são expressas através da forma como os indivíduos se relacionam com as instituições sociais, como a igreja ou a escola, por exemplo.

Percebemos, em romances juvenis contemporâneos como o que aqui analisamos, muitos questionamentos sobre como se portar ou não, e como ele se relaciona com essas instituições enquanto membro social, mas inclusive nas diferentes fases da sua vida. Rocha novamente nos confirma os efeitos sobre o gênero romance de formação que essas mudanças sociais tiveram e podemos perceber os impactos de transformação que causaram, tanto na forma como essas obras eram produzidas mas em como elas eram recebidas por seus leitores:

Se antes as relações sociais eram representadas como relações entre indivíduos, no momento em questão elas se modificam e passam a ser representadas como relações entre o sujeito e as instituições, por exemplo, a escola ou a igreja. Com essa mudança, uma das principais características do romance de formação, a parte subjetiva do processo de socialização que ocorre no indivíduo, é substituída por um processo objetivo de socialização que prevê a integração dos indivíduos dentro do sistema social. Junto disso, encontra-se, por parte dos jovens, uma extrema negação do mundo dos adultos, fazendo com que a juventude se volte para dentro de si de forma a regredir cada vez mais, da juventude à adolescência, da adolescência à infância. (ROCHA, 2021, p. 22)

Temos, então, um gênero que passa por alterações ao longo do tempo, e essas mudanças ocorrem em uma via de mão dupla, pois enquanto o gênero sofre essas reformas a partir das transformações históricas e sociais pelas quais passam os indivíduos e a sociedade, os sujeitos leitores se transformam a partir das experiências retratadas nas narrativas que leem. De certa forma acaba por ser um ciclo sem fim, visto que os indivíduos estão em constante transformação. Para compreender melhor, basta que observemos as diferenças nas primeiras obras que foram classificadas como romances de formação e as obras que lemos atualmente, também nomeadas da mesma forma.

Pode-se dizer que a evolução e a transformação do gênero acompanha a evolução individual e coletiva dos indivíduos. Isso se reflete na forma e no conteúdo. Os anseios e questionamentos dos jovens da modernidade são bem diferentes dos da época em que **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Goethe, foi publicado, e conseqüentemente as obras acompanham essas mudanças e também se transformam.

A partir dessas informações sobre as transformações do gênero, podemos concluir que essas mudanças sofridas ao longo do tempo, serviram e servem como ponte para que as obras classificadas como romances de formação possam, também agora na modernidade, se aproximar do seu leitor e mais do que acompanhar essas transformações nos jovens, a experiência de leitura dos romances de formação influencia as transformações internas em seus leitores e contribui com seu amadurecimento e desenvolvimento emocional.

### 3 LITERATURA JUVENIL E O ROMANCE DE FORMAÇÃO

#### 3.1 Características da literatura juvenil

O Brasil é um país que possui um grande número de jovens leitores, posto isso, precisamos (re)pensar a respeito da circulação e distribuição de obras de interesse dessa faixa etária. Por muito tempo, a literatura juvenil não era considerada como sendo de grande importância, porém, por termos um grande público jovem, fica até difícil pensar que esses leitores tenham tido ao longo dos anos poucas opções de obras circulando destinadas especificamente para eles. De uns tempos para cá, esse cenário vem mudando, e hoje temos um enfoque maior na produção e circulação de obras classificadas como literatura juvenil e que se apresentam de duas formas: obras que já existem há muito e que, apesar de não serem consideradas para essa faixa etária, estão sendo destinadas para esse público, numa ação de reendereço; e uma diversidade de produções criadas para esse público, o que é muito positivo e só tende a crescer.

Esse foco na produção diversificada, circulação e distribuição de obras juvenis, juntamente com o aumento do interesse desse público pela literatura, contribuem para um aumento na produção do número de obras que trazem o jovem como protagonista e que tratam dessa temática da busca de si mesmo e da identidade juvenil, assim como ocorre em **Pedro pedra**. E a literatura juvenil por si só também cria sua própria identidade, é uma via de mão dupla, tanto os jovens contribuem com o crescimento de uma literatura e de obras voltadas para a sua faixa etária, como a literatura contribui com a temática da busca de identidade e de representação do jovem nas obras.

A autora Regina Zilberman, em seu texto “Leitores e leitoras jovens – uma literatura toda sua” (2019), mostra a importância do jovem leitor reconhecer o protagonismo da sua faixa etária nas obras literárias, e que esse movimento aproxima ainda mais as narrativas da realidade do leitor. Como ela nos fala no trecho:

A eleição de personagens que espelham o leitor e representem suas aspirações e problemas existenciais, o fato de que a ação transcorra no

presente e em espaço urbano conhecido (ou, ao menos, nomeado), e ainda a ausência de figuras e eventos sobrenaturais remetem as obras classificadas como literatura juvenil à categoria do realismo, afiançando sua identidade. (ZILBERMAN, 2019, p. 152 e 153)

O jovem passa a se ver representado nessas obras, principalmente naquelas em que o protagonista é da mesma faixa etária e experimenta os mesmos questionamentos, dúvidas, incertezas, sentimentos, acontecimentos... O leitor passa a reconhecer os espaços narrados, as experiências, e tudo isso traz realismo à obra, traz essa ideia de pertencimento, de reconhecimento de si mesmo.

As obras juvenis, como já apontamentos anteriormente, na maioria das vezes, ou permaneciam no esquecimento, ou passavam a ser classificadas como obras para leitores de outras idades. Ana Margarida Ramos, em seu artigo “Narradores adolescentes na literatura contemporânea: na fronteira entre a literatura juvenil e a adulta”, confirma essa falta de reconhecimento da literatura juvenil e defende sua relevância:

Ao contrário da literatura infantil, a literatura juvenil ainda não atraiu, por parte da crítica e dos estudiosos, a mesma atenção, não só em resultado do menor número de publicações de qualidade, mas também de uma certa indefinição deste segmento editorial, que continua a situar-se num limbo difícil de classificar (não é por acaso que alguns especialistas se referem à “idade do meio”, a propósito do público preferencial, situado entre a adolescência e a juventude). A literatura juvenil carece ainda de reconhecimento e legitimação, e a sua situação, entre a literatura infantil e a destinada a adultos, não tem favorecido a sua valorização. (RAMOS, 2019, p. 11)

Apesar dessa falta de valorização inicial, a situação da literatura juvenil e das obras classificadas como tal vem mudando com o passar do tempo, também devido a essa necessidade de o jovem se ver reconhecido nas obras literárias e nas leituras que eleger. Ramos comenta sobre isso, e nos fala sobre as linhas estruturantes que a literatura juvenil apresenta atualmente, em que temos obras que apresentam narrativas ainda ligadas ao fantástico, maravilhoso, e também as que possuem um lado mais realista, que narra as vivências cotidianas:

Apesar de tudo, o segmento editorial juvenil tem, nos últimos anos, estado associado a um crescimento, tanto em termos de qualidade como

diversidade da oferta, apresentando uma variedade de tendências e registos que coabitam o mesmo espaço. E, ainda que se mantenham as duas linhas estruturantes tradicionais, uma mais ligada ao maravilhoso e/ou ao fantástico, com todas as múltiplas variantes (distopias, ficção científica ou mesmo realismo mágico), e outra claramente de recorte realista, muitas vezes no registo intimista, os contributos contemporâneos, oriundos, por exemplo, da interseção de linguagens, géneros e estilos, têm dado origem a uma multiplicidade de formatos... (RAMOS, 2019, p. 11)

Percebemos assim, que há um crescimento significativo na produção, diversidade e circulação de obras destinadas ao público leitor jovem, porém, como sabemos esse é um assunto polêmico e que ainda divide a crítica literária, pois ainda não se tem um posicionamento formado. Sabemos e neste trabalho aceitamos que de fato existe esse público juvenil, mas reconhecemos que essa identificação ainda é questionada, pois não sabemos ao certo se essas mudanças se dão pela indústria e por parte das editoras que abriram esse espaço para as obras destinadas aos jovens, ou se de fato é o público juvenil que vem crescendo e se solidificando, o que por si só já geraria o interesse da indústria, até mesmo ao reendereçar algumas obras que antes não eram consideradas como literatura para jovens, e hoje são, criando e expandindo esse nicho literário.

A expansão e reconhecimento da literatura juvenil como um todo, engloba é claro, a classificação das obras, o que nos permite a possibilidade de reconhecermos e identificarmos as características da literatura destinada aos jovens leitores. Ramos nos fala sobre obras da atualidade consideradas como literatura juvenil apresentarem um hibridismo em suas produções, o que significa que, para além dos géneros literários, utiliza-se de outras formas de expressão:

O hibridismo que as caracteriza já não reside apenas na conjugação de diferentes géneros literários, mas passa a incluir outros registos e linguagens, inclusivamente fora do domínio estritamente literário, como a fotografia, a ilustração, o cinema, o texto documental, científico ou outros. A novela gráfica juvenil é outro segmento interessante, com múltiplos subgéneros e tendências. (RAMOS, 2019, p. 11)

Depois de levarmos em consideração a crescente valorização e reconhecimento da literatura juvenil e também de outras formas de apresentação dessas obras para o público jovem, veremos mais algumas de suas características. Obras que se enquadram como literatura juvenil podem apresentar alguns aspectos bem específicos, o que permitiu também que passássemos a classificar certas obras

nessa categoria, e justamente pelo fato de que essas características vêm sendo apresentadas nessas obras ficou mais nítido que realmente se tem um público jovem, para o qual essas produções são destinadas, e ainda ocasionou o crescimento e valorização desse tipo de literatura.

Podemos elencar as particularidades da literatura juvenil observando as produções contemporâneas que estão à disposição do jovem leitor. A representatividade do jovem seja na narrativa em si, na escolha das vivências do protagonista, nos assuntos que serão abordados ou ainda no próprio narrador protagonista, é um aspecto importante a ser observado. Assim como a tendência de não incluir ou ao menos diminuir a presença de elementos do mágico e fantástico nas narrativas, o que teria origem na literatura voltada para crianças. Nesse caso da literatura juvenil, as obras se voltam para a exploração do realismo na vida dos personagens, das vivências e experiências sentidas ou que podem vir a ser experimentações reais na vida dos jovens leitores.

Notamos também que normalmente o tempo cronológico das obras e das vivências dos personagens se dá no presente, e em ambientes comumente frequentados pelos jovens, o que os aproxima ainda mais das narrativas. Zilberman em seu texto corrobora a presença dessas características, a partir de suas afirmações sobre a literatura juvenil:

Não surpreende, pois, que, nas primeiras décadas do começo do novo milênio, tenha crescido e se diversificado a produção cultural para esse público potencial, fortalecendo uma literatura juvenil com identidade própria, resultante de seus sinais particulares, ainda que não exclusivos dela. Uma dessas marcas é a opção por uma narrativa em que os acontecimentos se desenvolvem no aqui e agora do leitor, estando ausentes os elementos mágicos que, oriundos da tradição popular e do conto de fadas, fazem parte da produção dirigida preferentemente às crianças.

Outro traço marcante é a presença de um protagonista de preferência jovem, cuja idade não se diferencia daquela em que se encontra o destinatário da narrativa. (ZILBERMAN, 2019, p. 152 e 153)

As obras encaminhadas ao público jovem, não necessariamente apresentam todas essas características, e como vimos, elas não se apresentam de forma tão definitiva, porém, algumas são essenciais para que possamos delimitar a categoria, e essa demarcação, foi o que possibilitou termos de fato uma literatura que é específica para o jovem leitor. Essas produções acompanham as mudanças sociais

vividas pelos jovens, estamos em constante contato com o meio, e a literatura se adequa a essas transformações que ocorrem na vida dos jovens seja na individualidade ou no coletivo e isso se reflete no momento em que elencamos características relativas à categoria literatura juvenil.

Para além de considerarmos essa ou aquela obra pertencente ou não ao nicho da literatura juvenil, o que também possibilita que muitas obras literárias traduzam essa identidade e ideia de pertencimento que os jovens buscam, são as particularidades que essas obras apresentam e a forma como a partir delas, elas se aproximam da realidade do leitor, esse, que ao mesmo tempo irá se sentir reconhecido e valorizado tendo um espaço destinado a ele e a representá-lo com todas as suas transformações, na literatura.

### **3.2 Aproximações entre literatura juvenil e romance de formação**

Após a caracterização do romance de formação e da literatura juvenil, vamos observar de que forma eles se relacionam entre si: será que os romances de formação podem ser considerados como literatura para jovens? E será que a literatura juvenil engloba as obras do gênero romance de formação? Para tanto, vamos observar em que ponto o *bildungsroman* se aproxima da literatura juvenil, ainda que nenhum nem outro se encontrem com características muito bem definidas, o que seria um ponto interessante para pensarmos a relação dos dois gêneros, mas também abre um espaço ainda maior, pois isso permite que surja um grande leque de obras que possam ser classificadas tanto enquanto romance de formação como literatura juvenil, e obras que se encaixam em apenas um ou outro desses dois conceitos.

Como podemos observar, os dois gêneros de forma geral, compreendem narrativas que relatam o amadurecimento e transformação do jovem. O *bildungsroman*, como já diz no nome, é referente à formação, e não se trata da parte educacional ou pedagógica, mas sim da formação do ser, do amadurecimento emocional do jovem, e de uma forma bem ampla. E a literatura juvenil também se dedica a acompanhar as transformações externas e internas da juventude, visto que as mudanças externas e as experiências juvenis têm quase que total influência nos

conflitos internos, é o contato com o meio que nos transforma, porém, nesse caso é compreendida uma fase específica do amadurecimento, a juventude. A literatura juvenil não engloba aspectos mais reflexivos do amadurecimento no começo da vida adulta, mas sim um determinado período do amadurecimento do jovem. Porém, apesar dessas diferenças, ainda assim conseguimos encontrar uma relação entre os gêneros.

Ou seja, em aspectos gerais, tanto a literatura juvenil como os romances de formação, almejam narrar e também fazer parte das experiências vividas pelos jovens leitores. Vamos nos voltar, agora, ao que nos fala a autora Cássia Farias Oliveira dos Santos, em sua dissertação “Narrativas de amadurecimento: relações entre o romance de formação e a literatura infanto-juvenil”, sobre a relação entre o romance de formação e a literatura juvenil:

O romance de formação, mais conhecido como *Bildungsroman*, pode ser caracterizado como uma narrativa de amadurecimento, o que também vale para boa parte das obras que compõem a literatura infanto-juvenil, o que já poderia indicar uma relação entre eles. (SANTOS, 2016, p. 12)

Obras como as que narram as transformações e o amadurecimento dos jovens são consideradas em alguns momentos como romance de formação e em outros como literatura juvenil. E essa ligação, se assim podemos chamar, entre esses dois gêneros, não é de agora, se há de fato alguma relação entre eles, ela já existia e talvez antes mesmo de uma classificação detalhada de certas obras, visto que elas se aproximam a partir das características em comum que apresentam. Cássia nos fala um pouco mais sobre essa aproximação:

E, de fato, a possível ligação entre os dois gêneros não é uma hipótese nova: apesar de ser mais comum a utilização do termo *coming of age story* para descrevê-las, algumas obras infanto-juvenis, como o livro *As vantagens de ser invisível*, de Stephen Chbosky, são consideradas como exemplos de romances de formação pela crítica especializada (MATOS, 2013), e a crítica veiculada pelos meios de comunicação usa o termo com alguma frequência – caso no qual os critérios para a inserção de obras específicas no gênero parecem ser totalmente subjetivos. Em um caminho reverso, alguns *Bildungsromane* clássicos ou renomados, como os livros de Dickens e de Mark Twain, costumam ser reapropriados pela literatura infanto-juvenil, em geral de forma adaptada. (SANTOS, 2016, p. 12)

Apesar de ainda não ser considerada uma verdade absoluta essa relação entre os dois gêneros, como vimos, existem críticos que apontam essa proximidade, mas também a dificuldade em relacionar os dois gêneros justamente pela pouca valorização da literatura juvenil ainda na modernidade. E não somente por esse fato, mas o conflito para relacionar os dois gêneros também se percebe ao considerarmos as características do *bildungsroman*, é um gênero que de certa forma se molda e muda ao acompanhar as transformações históricas e sociais, sendo assim é mais difícil pensarmos em obras que ao mesmo tempo atravessem a história, acompanhem todas as modificações da sociedade e ainda possam se enquadrar na classificação de romance de formação. Analisando dessa forma, muitas obras não seriam compatíveis com essa nomenclatura, e ao não se encaixar em nenhum dos gêneros, tornaria praticamente impossível relacioná-los.

Segundo Cássia, ainda se considerarmos basear todo o conceito de *bildungsroman* somente seguindo as particularidades da obra considerada inaugural do gênero, **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, até mesmo o gênero romance de formação correria risco de extinção, pois seria praticamente impossível encaixar obras contemporâneas nessa classificação a partir desse modelo inicial. Sobre isso a autora nos fala o seguinte:

o efeito disso é que essa obra tende a ser considerada o modelo básico a partir do qual se definem outros romances de formação, resultando em uma visão engessada do gênero, o que coloca sua própria existência em risco. (SANTOS, 2016, p. 13)

É possível perceber que basear a classificação das obras como romance de formação a partir da obra inaugural de Goethe, nos levaria a um esgotamento do próprio conceito do gênero, e nesse caso seria muito difícil conseguirmos encontrar obras que se aproximassem tanto do romance de formação, como da literatura juvenil. O que nos leva a procurar essa proximidade de outras formas, como perceber que nem todas as obras classificadas como romance de formação terão todas as características clássicas do gênero, assim como o mesmo é válido para as obras que se encaixam no nicho da literatura juvenil.

Partindo desse ponto, vamos observar algumas das características de cada um dos gêneros e relacioná-las entre si. Uma delas, inclusive já citada anteriormente, é a diversidade e o hibridismo presentes nas obras da literatura juvenil, principalmente pelo interesse e idade do público-alvo leitor, o que aproxima bastante as obras do gênero *bildungsroman*, já que também são leituras ofertadas para o mesmo tipo de público e poderia comportar toda essa diversidade. Cássia nos fala novamente sobre essa possível relação:

Caracterizada principalmente por seu público-alvo e pela idade de seus protagonistas, uma das particularidades das obras para crianças e adolescentes é a grande interação entre gêneros. Dessa forma, dentro de um mesmo gênero temos formas variadas – poesia, quadrinhos e prosa – e ainda manifestações de outros gêneros como a fantasia e a ficção científica, para citar alguns. Se dentro da literatura para crianças e adolescentes podemos encontrar essa diversidade, não parece absurdo pensar que uma narrativa infanto-juvenil possa se realizar na forma de um *Bildungsroman* (...) (SANTOS, 2016, p. 13)

Na atualidade também notamos certa simplificação do romance de formação, não que ele agora seja considerado menos literatura, ao contrário, mas como já mencionado, os questionamentos do jovem Wilhelm de Goethe não são e provavelmente não serão os mesmos do Pedro de Gustavo Bernardo, nem a nossa sociedade é a mesma. Os jovens da época do romance inaugural eram jovens prontos, se preocupavam com outros dilemas, hoje há uma demora nesses processos de amadurecimento, os jovens se demoram mais em sua juventude, é mais tardio o ingresso na vida adulta, o que possibilita um leque maior de obras de interesse desse público. E também, que pessoas em faixa etária adulta elejam obras da literatura juvenil para leitura, o que torna mais difícil também classificar algumas obras enquanto romance de formação, literatura juvenil ou ambos.

Outro ponto é a transitoriedade desse leitor, as obras literárias que são atualmente direcionadas ao leitor jovem são bem delimitadas e normalmente narram um processo curto de amadurecimento da fase da infância até a juventude, elas não trazem um adulto mais reflexivo com a sua vida e demais questões tanto individuais como coletivas, por exemplo, e é nesse ponto que encontramos o que esses gêneros têm em comum. Enquanto isso, o romance de formação é mais amplo, e

pode chegar nessa fase mais adulta e reflexiva, considerando, por exemplo, a obra inaugural de Goethe, porém, nessa época, a juventude era outra, os anseios e questionamentos eram outros, o próprio processo de amadurecimento do jovem Wilhelm é muito diferente dos processos vividos pelo Pedro.

E a partir do momento em que as obras tanto da literatura juvenil quanto do romance de formação vão se moldando ao longo do tempo e das transformações experimentadas pela juventude, e pelo fato delas narrarem e representarem uma mesma fase da vida ainda que por vezes de formas diferentes, faz com que elas se relacionem. É isso que caracteriza essa aproximação, elas se encontram em um ponto em comum, quando a literatura juvenil narra a juventude e para por aí, e o romance de formação pode exceder essa fase e continuar no começo da vida adulta, porém, os dois narram a juventude e todas as suas transformações, aí está o ponto de interseção entre os dois gêneros.

#### 4 LEITOR JOVEM E EXPERIÊNCIA DE LEITURA

A leitura é muito mais do que um *hobby*, do que ler por prazer ou em momentos que não se tem nada mais a fazer, a leitura por si só já é uma experiência, e através da leitura podemos de fato experienciar as informações que nos são trazidas. A leitura como experiência vai além, considerando que ela é algo que nos toca e que nos transforma. Pensar a leitura como experiência é vê-la como um processo, muito mais do que apenas o ato da leitura, mas as marcas e o sentido que dá para a nossa vida enquanto a experienciamos. E assim, pensamos a leitura como uma experiência formadora e transformadora de nós mesmos, visto que as transformações vividas pelo protagonista ficam em nós, leitores. O leitor traz para si e para sua vida a mesma consciência de transformações que o protagonista adquire durante a narrativa, logo a experiência da leitura se transforma em algo que lhe toca, que lhe incomoda, encanta e transforma.

O autor Jorge Larrosa em sua obra **La experiencia de la lectura** (1996), traduz exatamente esses pontos sobre a leitura enquanto experiência que atravessa o leitor e o transforma, e não apenas como sendo um passatempo. Ele nos traz o seguinte:

La lectura, por tanto, no es sólo un pasatiempo, un mecanismo de evasión del mundo real y del yo real. Y no se reduce tampoco a un medio para adquirir conocimientos.  
[...] La primera cara de mi tema, eso de la lectura como formación, sería intentar pensar esa misteriosa actividad que es la lectura como algo que tiene que ver con aquello que nos hace ser lo que somos. (LARROSA, 1996, p.16)<sup>1</sup>

Muitas coisas passam por nós, mas poucas dessas coisas experienciamos de fato, assim como a leitura que pode passar por nós, mas pode e deve se tornar uma experiência, e nos trazer todas as consequências que uma experiência comporta, nos impactar, nos emocionar, permitir que crescamos e que possamos amadurecer. E no caso dos romances de formação, se a leitura desse tipo de obra se tornar uma

---

<sup>1</sup> A leitura não é somente um passatempo, um mecanismo de fuga do mundo real e do eu real. E não se reduz também a um meio para adquirir conhecimentos. (...) A primeira parte de meu tema, quer dizer, em relação à leitura como formação, seria tentar pensar essa misteriosa atividade que é a leitura como algo que tem que ver com aquilo que faz ser quem somos. (Tradução nossa).

experiência de fato, irá contribuir e muito para essa busca de si mesmo e noção de pertencimento e reconhecimento pelo jovem. Logo, durante essa experiência de fato transformadora, o jovem leitor tem a possibilidade de descobrir a si mesmo experienciando esses processos através da leitura.

Larrosa ainda nos traz informações importantíssimas sobre essas transformações que o leitor sofre enquanto experiencia a leitura de fato, nos falando que:

Pensar la lectura como *formación* implica pensarla como uma actividad que tiene que ver con la subjetividad del lector: no sólo con lo que el lector sabe sino con lo que es. Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos trans-forma), como algo que nos constituye o nos pone en cuestión en aquello que somos. (LARROSA, 1996, p.16)<sup>2</sup>

Como Larrosa nos fala, se trata de pensar a leitura como algo que nos forma, pois é assim que de fato é, e tanto nos transforma quanto nos deforma. Pois a leitura enquanto experiência, não tem somente o intuito de deixar os leitores confortáveis, incitá-los a concordar com o que está posto ou de fazê-los sonhar, mas além de tudo isso, os deforma, desacomoda, incomoda, e muitas vezes, é justamente desse desconforto, deste sair da zona confortável de nós mesmos, que essa leitura proporciona o amadurecimento e o crescimento do qual tanto falamos.

A experiência em si não é somente algo que passa por nós, é algo que acontece a nós, que nos toca e nos transforma, e a leitura enquanto experiência nos coloca nessa mesma circunstância, como leitores que experimentam e vivenciam o que está sendo narrado a nós. Como Larrosa nos traz em seu trabalho “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (2002), conceituando experiência:

Começarei com a palavra *experiência*. Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece” (...) (LARROSA, 2002, p.20)

---

<sup>2</sup> Pensar a leitura como formação implica em pensa-la como uma atividade que mexe com a subjetividade do leitor: não só com aquilo que o leitor sabe, como também com aquilo que ele é. Trata-se em pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou transforma), como algo que nos constitui ou nos coloca em questão com aquilo que somos. (Tradução nossa).

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.<sup>1</sup> Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (LARROSA, 2002, p.20)

Levando em consideração toda essa informação que nos está facilmente disponível na atualidade e que além de nos manter informados, quase que automaticamente desenvolve em nós um senso de formadores de opinião, e o quanto tudo isso nos consome e não percebemos tantas outras coisas que nos passam, ao invés de experienciar, atualmente muito do que fazemos é apenas deixar que as informações passem por nós, diante de nós, mas que não nos toquem enquanto experiência.

No momento em que o leitor abandona ao menos por alguns instantes toda essa informação que nos rodeia só aí ele vai poder experienciar de fato tudo o que a leitura proporciona, e como já falamos é algo que vai muito além do ato da leitura em si.

O leitor então, tomado por essa experiência de fato, apropria-se das transformações vividas pelo protagonista e as torna de certa forma as suas próprias transformações e amadurecimento, o que pode ser de fato considerado como experienciar a leitura e trazer para si o que é experienciado pelos personagens, nesse caso também pelo fato dessas vivências estarem próximas das vividas pelos jovens leitores, já que há essa identificação com a obra e seus personagens.

## 5 PEDRO PEDRA E A FORMAÇÃO DOS LEITORES JOVENS

### 5.1 Formação do jovem Pedro

**Pedro pedra** é uma narrativa atual e poética, que nos apresenta as vivências do jovem Pedro, as mudanças na vida de um menino um tanto tímido, mas de muita força, desde sua infância, passando por toda a adolescência até o começo da vida adulta. Ele nos conta as suas inquietações, dúvidas, sentimentos, sonhos, desejos e dilemas no auge das transformações que a fase da adolescência traz para a vida de todos nós. Conforme o tempo vai passando, Pedro relata acontecimentos muitas vezes bem semelhantes entre si, mas em diferentes fases, ambientes e situações da sua vida, logo, podemos acompanhar seu olhar e expectativas sobre esses acontecimentos mudarem de acordo com as transformações internas pelas quais ele vai passando.

A obra é dividida de modo que retrata acontecimentos da transição da infância para a adolescência, o adolescer em si, e um pouco das transformações da adolescência para o comecinho da vida adulta. Para tanto, apresenta uma estrutura dividida em três grandes capítulos nomeados de “Primeira vez”, “Segunda vez” e “Terceira vez”. Esses blocos retratam a visão do personagem das mesmas experiências em diferentes fases da vida e estão divididos em partes menores, representando o lugar ou a situação em que Pedro se encontra em cada uma das fases e como ele enxerga e se percebe em cada uma delas. A obra apresenta um narrador-personagem, o protagonista, mas que, ao mesmo tempo, é um narrador que observa as próprias vivências. Muitas vezes sua narração traduz seus próprios pensamentos, sonhos e diálogos internos. É esse mesmo narrador-personagem que, ainda cheio de incertezas e questionamentos, conduz o leitor, e é Pedro que durante toda a narrativa vai levando-o pelos caminhos da busca de si mesmo e de sua identidade, na trilha de encontrar o seu lugar no mundo. A obra narra a vida do jovem a partir de uma linguagem bem simples e de fácil compreensão, direcionada à faixa etária para a qual é destinada, retrata as falas e experiências dos jovens, ao mesmo tempo em que apresenta certo lirismo e uma poética encantadora.

A narrativa que nos conta a vida do jovem e tímido Pedro é dividida em três grandes blocos, onde cada um deles representa uma fase da vida do protagonista

em que ele vivencia novas experiências e/ou revisita essas mesmas vivências de formas diferentes, através de situações e em fases distintas da vida, a partir do olhar das diferentes versões do Pedro, que vamos conhecendo ao longo do romance.

A obra é dividida de acordo com a ordem cronológica das fases e da vida do protagonista, narrando de início os acontecimentos referentes à sua infância, depois a transição da infância para a adolescência e, finalmente, da adolescência para o começo da vida adulta.

O primeiro capítulo, que é nomeado de “Primeira vez”, narra as experiências do Pedro ainda no período da infância. Esse bloco se subdivide em cinco partes. De início, na subdivisão chamada “Na igreja”, encontramos Pedro participando de uma missa acompanhado de seus pais, e logo nesse primeiro momento, ele já surge cheio de questionamentos e inquietações quanto ao seu lugar no mundo, sua identidade e ideal de pertencimento. A seguir destaco um trecho dos pensamentos do Pedro registrados nesse momento:

“(…) Queria crescer de hoje pra amanhã e ver tudo acontecer de uma vez para ficar famoso de vez. Bem que podia aparecer um gênio de noite no meu quarto pra acelerar tudo. Quem sabe. Um gênio ou São Pedro. Ele não é santo? Santo não é quase Deus? Não pode tudo? Então? Eu tenho o nome dele. Meu nome é Pedro, não posso ter dúvida de nada. Eu tenho de ser a verdade da vida. Sempre que eu falar, vai ser na bucha: nunca vou dizer besteira, só vou dizer coisa séria, importante e bonita. Preciso ficar sempre atento pra não vir na minha cabeça outras coisas que não sejam bonitas nem importantes nem sérias. Eu sou Pedro, a pedra.” (BERNARDO, 2010, p.17)

Como podemos perceber, nesse momento Pedro questiona-se a respeito da sua própria identidade, e pelo fato de ele ter o mesmo nome de São Pedro, reflete sobre o peso do nome que carrega e também se coloca nesse lugar de querer representar algo maior, alguém importante. Mostra-nos essa fase da vida em que se encontra, a infância, que do modo dele, traz essas reflexões, e vamos percebendo que ao longo da narrativa essas inquietações e questionamentos irão mudar de acordo com o crescimento cronológico do menino, e o mais importante, a partir do momento em que ele se desenvolve e amadurece emocionalmente. Dessa forma o leitor toma consciência da maturidade que Pedro vai construindo ao longo da narrativa, de forma simples, leve e bem-humorada.

Na segunda parte, “No espelho”, Pedro está em casa vivendo a rotina normal de uma criança, porém permanece sempre questionador e observador. Partindo para a terceira parte, nomeada “No portão”, onde surgem dois personagens importantes na vida do protagonista, conhecemos os avós de Pedro, em cuja casa o menino passa quase todas as tardes. Pela manhã, ele vai para a escola, e durante a tarde fica na companhia de sua avó.

Abaixo o narrador nos fala um pouco mais sobre a casa dos avós de Pedro, retratada na subdivisão “No portão”:

Na rua das amendoeiras, perto do beco, a casa da avó do Pedro. A avó mais o avô. Nessa casa Pedro passa a maior parte das suas tardes. Porque lá tem quintal, enquanto no apartamento dos pais só um terraço pequeno. Ou porque a mãe sai de tarde e a avó não sai nunca. O avô ainda trabalha. Ficam na casa a avó e o Pedro. De manhã o colégio, de tarde aqui. (BERNARDO, 2010, p.25)

No trecho citado, percebemos esse imaginário da casa dos avós que as crianças possuem e que na mente de Pedro não é diferente. Na imaginação dos pequenos a casa dos avós é idílica, fruto da idealização da infância, aquele paraíso onde tudo é possível nessa fase tão importante da vida. É o lugar onde tudo é perfeito, os lanches da avó para as tardes de brincadeira são mais gostosos, a liberdade é ampla, não só por a casa ter um quintal, diferente do apartamento dos pais, mas simplesmente por ser a casa dos avós, pelo fato de o gostinho da infância lá ser diferente, criando memórias insubstituíveis.

A quarta parte é nomeada de “Na cama”, e nos revela que, mesmo na hora de dormir, Pedro permanece pensativo, imaginando inúmeros contextos. Nem mesmo durante o sono ele deixa a curiosidade e a criatividade de lado, sonhando com cenas repletas de ação e situações inusitadas. O narrador nos mostra a forma como o protagonista acorda depois de um desses sonhos cheios de ação e experiências agitadas, em que nem mesmo nesse momento Pedro deixa de lado seus muitos medos, desejos e inquietações:

Epa, Pedro acorda assustado e pula da cama. Sua muito, por todos os poros, olho arregalado, boca aberta, sem ar, por quê? Deve ter sido pesadelo.  
É de manhã cedo e começa a clarear. O galo não canta porque no oitavo andar não tem. Mas dispara o despertador no carro dos pais e na garagem

lá embaixo ligam um carro. Logo logo o pai vem chamar. Mas ele se acordou quase na hora certa. Vai ao banheiro, depois se veste, então toma o café da manhã, daí para a escola. E eu vou embora antes que me vejam. (BERNARDO, 2010, p.38)

E na quinta e última parte desse capítulo, chamada de “Na pedra”, temos novamente as reflexões de Pedro, todas de acordo com a fase da vida em que ele se encontra, é claro, a infância. E nesse momento imagina um gênio da lâmpada que realizaria todos os seus pedidos. Aqui encontramos Pedro por vezes solitário, sozinho no terraço da sua casa com seus inúmeros pensamentos sobre os pedidos que faria ao gênio da lâmpada. Nessa etapa da sua vida, percebemos que os seus desejos são sobre ser muito mais do que ele já é, mais bonito, mais inteligente, mais rico, mais sensível, mais forte... Como se ele projetasse um futuro que ainda não sabe ao certo como será, mas em seguida descarta a possibilidade, na certeza de que gênios da lâmpada não existem.

Reforço o quanto Pedro não faz grandes reflexões sobre sua vida, ele tem pensamentos e inquietações adequados à idade em que está, e essas reflexões são bem difusas, visto que de um instante para outro seus pensamentos mudam, nesse caso sua ideia de gênio da lâmpada muda, e dali a pouco ele já passa a divagar sobre outro assunto. Logo a seguir, podemos acompanhar um pequeno trecho dos pensamentos e da imaginação do Pedro:

“(...) Quero ser mais rico do que esses ricos. Quero ser muito mais do que sou, em corpo e em espírito. Dez vezes mais força e inteligência e sensibilidade e beleza. Será que dá pra incluir tudo isso num pedido só? Bom, eu tento discutir com o gênio na hora. Mas o diabo do gênio não existe, só em conto da carochinha. Por que perco tempo pensando essas coisas? Mas se existisse bem que podia existir pra mim. Eu ia fazer direito esses três pedidos, ah se não ia. Ia mas não vou, porque gênio não existe. A ciência já provou que os gênios só existem dentro dos contos de fadas. Eles, os cientistas, tão falando agora que existe é vida em outros planetas. Que os discos voadores são possibilidade bem concreta. De repente desce aqui no terraço um disco voador. (...)” (BERNARDO, 2010, p.42)

O bloco “Segunda vez”, que também se divide em cinco partes, já nos mostra um Pedro crescido, crescendo, adolescendo e mais questionador também. Nesse ciclo a primeira subdivisão se intitula “Na igreja”, mas na verdade, vamos encontrar Pedro na biblioteca e a partir das leituras que ele faz lá, vamos acompanhando seus pensamentos questionando-se sobre os mais diversos assuntos, um deles é sobre

as instituições, o que são, e a repressão que nos causam, muitas vezes nos impondo suas condições. E também, nesse momento, o protagonista reflete um pouco acerca da repressão que por vezes nós causamos em nós mesmos; mas em seguida ele troca de livro e percebe que já é noite e ele ainda está na biblioteca.

Abaixo, um trecho das reflexões do jovem Pedro entre as leituras que faz:

“(…) Ler mais, quem sabe começo a entender. Aqui ainda diz: *a repressão aos poucos vai sendo internalizada no sujeito*. Internalizada quer dizer interiorizada. Ou seja: a repressão, de tanto reprimir, penetra dentro da gente. Daí a algum tempo a repressão não precisa mais reprimir, porque já tá dentro. É isso? Quer dizer, fica um repressor dentro da gente. Uma espécie de inspetor-geral das vontades, um guarda. Mas guardando o quê? Os desejos proibidos de saírem do cofre? Sou um cofre? Não, não sou só um cofre. Mas sou também? Ih. Toca de ler. *A repressão vem das instituições*. O que é instituição? Não explica. Mas fala que família é uma instituição. Escola é uma instituição. Igreja é uma instituição. País é uma instituição. A repressão vem das instituições, até ficar instituída dentro da gente. Que loucura. Quer dizer, não sou reprimido só quando falo ou faço alguma coisa errada, mas também quando penso. Eta ferro. Eta ferro. Assim eu me ferro. Tenho de policiar o meu pensamento porque tem um policial aqui dentro. Não posso deixar ele me pegar, não vou pensar besteira. (...) (BERNARDO, 2010, p.52 e 53)

Percebemos, então, que na medida em que Pedro avança em suas leituras e aprende coisas novas modificam-se também seus questionamentos. Mas não é somente as leituras que agregam novas inquietações no jovem, mas sim o fato dele estar crescendo, passando da fase de criança para adolescente, ficando cada vez mais curioso com tudo ao seu redor, e amadurecendo emocionalmente. A partir disso, ele começa a se questionar sobre assuntos que competem à sociedade como um todo, mas ainda assim sem gerar grandes reflexões, seus pensamentos até agora, ainda que muitos sigam difusos na maioria das vezes. Ao mesmo tempo, podemos perceber que ele se sente prisioneiro da própria mente, um fato comum às crianças e jovens, acreditar que outra pessoa ou outro ser os vigie, até mesmo os pensamentos, e a partir disso Pedro passa a fiscalizar a própria mente. Nessa fase, o menino já se encontra no começo do processo de adolecer, eu diria que ele está na pré-adolescência, e é normal que já nessa fase possamos perceber algumas mudanças na forma de pensar e agir do protagonista.

Ele parte então para procurar outras leituras e a partir delas surgem outros e novos pensamentos e inquietações na mente de Pedro. O protagonista ficou um bom tempo na biblioteca, ao final, o narrador muito curioso que gosta de estar sempre acompanhando Pedro para saber tudo que ele faz, pensa, diz, até faz uma brincadeira com relação ao título dessa subdivisão que o teria confundido, pois ele ficou procurando Pedro por semanas em todas as igrejas possíveis.

Temos um narrador intruso, que, ao fazer essa brincadeira relacionando o título da subdivisão com o fato dele ter procurado o jovem protagonista por semanas em todas as igrejas da cidade, chama a atenção do leitor e também do Pedro. Envolve o leitor na situação e o faz se sentir mais ainda como parte da narrativa. A seguir, vamos ao que o narrador nos fala sobre isso:

Gostaria de saber quem foi o engraçadinho que botou o título deste capítulo de “Na Igreja”. Estou há semanas procurando o Pedro em tudo quanto é igreja da cidade. Fui em todas as igrejas católicas, batistas, protestantes, messiânicas, presbiterianas, evangélicas, testemunhas de Jeová, espíritas, umbandistas, quimbandistas, candomblecistas, macumbeiras, o diabo! Perdão pelo diabo. Mas não achei o Pedro. E agora o vejo saindo daquele edifício enorme no centro da cidade, sério e cheio de olheiras. E o besta aqui correndo atrás dele pelas igrejas da cidade. Eu sou é besta. Também agora não largo mais do pé dele. Vou atrás que nem cachorrinho. Depois dou um jeito de pegar o engraçadinho que me enganou. Faço virar picadinho de engraçadinho! Ora se não faço. (BERNARDO, 2010, p.60)

A segunda parte desse bloco se intitula “Sem espelho” e aqui, de fato, começamos a conhecer outra fase de Pedro, ele está adolescendo. Apenas o narrador nos relata o que acontece nessa cena, Pedro está na escola, mais precisamente no banheiro sem espelhos, começando a descobrir seu corpo com a masturbação. E ainda com tantas outras inquietações e desejos que o próprio Pedro parece ainda não compreender totalmente, “só” vive essas novas experiências e sensações.

A terceira parte recebe o título de “No portão” e é chegado o momento de Pedro lidar, ou ao menos tentar lidar, com o luto, ele se esforça para compreender a morte da avó e a falta que ela irá fazer dali em diante. Muito observador, durante o velório, ele tenta entender o que acontece e o porquê de tudo acontecer daquela forma. Ele observa as reações do avô e misturando as lembranças com o sentimento de saudades da avó, Pedro fica ansioso, saudoso, chora, tem seu choro

reprimido por alguns parentes e consolado por outros, mas logo pensa em outras coisas e se autoconvoca para ajudar o pai e aos demais a carregar o caixão da avó até o local do enterro. Percebe que a avó não vai mais estar por perto, fazer companhia, ou coçar as suas costas, e que ele não fará mais visitas a ela ou se divertir no quintal enquanto ela preparava um lanche.

Destaco um trecho do texto em que o narrador nos relata o que está acontecendo com Pedro nesse momento tão intenso da sua vida, que traz à tona muitos medos e ansiedades:

Cadê as pessoas? Cada conhecido parece um desconhecido. Pedro olha de longe para o portão fechado e de repente se sente trancado. Começa a andar de um lado para outro, sobe e desce. Murmura o nome dos pais. Aos poucos para num canto e soluça. Chora. Chora alto, cada vez mais alto. Desesperado, pensa que nunca mais vai sair dali, que nunca mais vai sair dali, não, não, não, não, não! Seu pai chega. Segura firme:

Que foi?

Ele soluça e chora, tenta engolir o choro e o soluço.

De repente mil pessoas em volta.

Que foi? Que foi?

Que isso, grande desse jeito... Não fala assim, ele sentiu a morte da avó. Mas é preciso ser forte. Mas não precisa exagerar. Era muito apegado a ela, vivia na sua casa desde pequeno. Ele gosta muito do quintal, ele gostava muito dessa avó.

Logo o deixam sozinho, outras coisas e pessoas para cuidar. Sente-se envergonhado do choro mas pensa no que falaram. Limpa nervosamente o rosto e vê as pessoas se mexendo. Chegou a hora do enterro.

Da sala do velório sai o caixão tampado à frente, carregado pelo seu pai e por outros homens da família. Mas sobra uma alça. Pedro dá um pulo e pega na alça, fica firme e olha para frente. Sua mãe parece fazer um movimento de susto e olha para o marido, mas ele a tranquiliza com um gesto. Põe a mão no ombro do filho, como a lhe dar força, como a mostrar que sente orgulho do seu Pedro. (BERNARDO, 2010, p.71 e 72)

A próxima parte se chama “Sem cama”, e nela Pedro faz uma coisa bem comum de se fazer na adolescência: fica acordado quase toda a noite assistindo filme na televisão. Entre as cenas do filme e propagandas, ele vai deixando surgir vários pensamentos, enquanto devora duas latas de bolacha quase de uma vez só. Nesse momento desprezioso em frente à televisão, o jovem Pedro se deixa levar pelas cenas do filme enquanto pensa que está ficando gordo, segundo ele precisa parar de se alimentar em grandes quantidades e começar a malhar. Ele lembra que na escola as delícias vendidas pela cantina também o influenciam a comer uma quantidade maior do que deveria, porém, ele está se comparando com o personagem que vê na tela, Tarzan, forte e ágil na floresta. Nos pensamentos de

Pedro, se ele fosse o Tarzan não teria barriga, seria forte para salvar as moças que se encontrassem em perigo.

A quinta e última parte desse bloco é “Na pedra”. Nesse dia Pedro vai visitar seu avô, mas não o encontra. Então, em vez de ir embora, ele decide ir pelo beco ali perto, onde os meninos da rua sempre iam brincar durante a tarde, e ali encontra um terreno baldio. Chegando lá avista muitas árvores, tenta subir em uma delas, embaixo no pé da árvore, uma pedra o ajuda a subir, impulsionando-o, e lá em cima ele pensa no futuro. Começa a pensar nos relacionamentos amorosos, fala para si mesmo o quanto se sente só, Pedro queria uma namorada, e entre dúvidas, desejos e expectativas, pensa também sobre a primeira relação sexual. Pedro está ansioso e tem medo de “ficar para trás” com relação aos amigos que dizem que já namoram. O que ele ainda não sabe é que tudo tem seu tempo.

Agora, veremos um trecho das reflexões de Pedro enquanto ele está em cima da árvore:

“Quero uma namorada. Tá na hora, cacete. Cadu diz que já tem, Aurélio também, Roberto também, Rodolfo também. Eu não tenho. Ainda não tenho. Pode ser cascata deles, esse pessoal é muito cascadeiro. Dizem que fazem, acontecem, o diabo mas não sei não. Pode ser mentira da boa. Mas eu queria de verdade. Eu quero.” (BERNARDO, 2010, p.83 e 84)

Pedro também reflete e se questiona quanto ao futuro, e nesse dia, na árvore, ele pensa sobre o futuro profissional e dali a pouco já muda para outro pensamento. A seguir acompanhamos um trecho dos anseios do jovem:

“Às vezes, a gente fica pensando em ser o maior profissional de alguma coisa. Engenheiro, médico. Veterinário para viver no mato, com os bichos, era uma. Ou arquiteto, gosto de desenhar um pouco. Fico pensando nessas coisas. Na profissão, no futuro, no vestibular, nas provas da escola. No cinema que tá passando ou nos presentes de aniversário. Fiz aniversário mês passado, outro vai demorar. E esse ano nem foi legal. Fico pensando nessas coisas, pulo de uma pra outra, faz plano, faz ideia, mas... Mas tudo é a mesma solidão. (...)” (BERNARDO, 2010, p.84)

Chegamos ao terceiro e último bloco, intitulado de “Terceira vez”, também com cinco subdivisões nomeadas da seguinte forma e na ordem em que aparecem: Igreja, Espelho, Portão, Cama, Pedro. Dessa vez quero trazer o poema que abre esse capítulo, pois, como já foi mencionado antes de cada bloco começar de fato,

temos um poema em destaque, este a seguir é o que representa a última parte da obra, de título “Terceira vez”:

Pedra.

Pedro que só quero pedros, pedra!

Resistir à repressão, à censura e à rejeição.  
Insistir com os seus, contigo mesmo e comigo.  
Insistir ao menos três vezes.  
Uma para Deus, uma para o Diabo,  
a terceira para você.

Na terceira margem do rio.  
Na terceira dimensão do universo.

Histórias de pedras fazendo a história – pedros.  
Se no meio do caminho tem uma pedra.  
Pesada.  
Quem fingir que não vê, tropeça.  
Quem fingir que não tê vê, Pedro, tropeça.

Navegar é preciso, viver não é preciso.  
Insistir é preciso, viver não é preciso.  
Resistir é preciso,  
viver!  
(BERNARDO, 2010, p.91)

Começando pela primeira parte, “Igreja”, que de novo não se passa na igreja, mas na escola, na praia, nos pensamentos inquietos e nas reflexões do adolescente Pedro. A seguir destaco um trecho das ideias do jovem, que, enquanto caminha pela praia, cria cenários e situações a partir do que e de quem vê, e relaciona não só a praia, mas os grupos que observa e outros lugares como sendo todos igrejas também:

“Passo por várias igrejas. Cada ponto da praia é uma igreja também. Aqueles caras que jogam vôlei não sabem o nome um do outro mas jogam vôlei todo sábado de manhã. Amém. O casal do fumo leve é o casal vinte. Ele põe gravata segunda, terça, quarta, quinta e sexta mas bota fumo na cuca sábado e domingo. Ela é professora de maternal, vestida de avental e cuidados de segunda à sexta, vestida de fumo e namorando no sábado e domingo. O surfista. O surfista é solitário que nem eu. Deus não ajuda, sua igreja amanheceu fechada, as ondas não são ondas mas marolas. Esta cidade as vezes é uma merda para os surfistas e para os poetas. Não sou poeta mas podia ser. Os surfistas são poetas? Os surfistas são crentes. Creem nas ondas, creem que não se pode mudar o mundo e esperam ansiosos pela chance de mudar um pouco o visual da praia: com uma descida fina ou com um caixote. Então os poetas são surfistas. Eu não sou mas podia ser. Amém. (...)” (BERNARDO, 2010, p.99 e 100)

A parte dois, “Espelho”, é o momento da narrativa em que Pedro inicia uma nova fase em sua vida, e entra no início da vida adulta. Dessa vez ele olha pelo espelho do fusca enquanto faz as aulas práticas da autoescola, pois Pedro está estudando para aprender a dirigir e tirar a carteira de motorista. Pelo espelho do carro, procura por uma certa rua das amendoeiras antigas e das suas lembranças.

Nessas lembranças Pedro revisita a casa dos avós, onde viveu boa parte das tardes da sua infância e se descobriu adolescendo. Nesse mar de memórias infinitas surgem a infância, a adolescência e todas as experiências vividas por ele em cada fase da sua vida, agora já adulto, ele olha de longe para o seu eu criança e adolescente, com outro olhar, de outra perspectiva, mas pronto para criar novas memórias, tão boas como aquelas.

Segue uma parte do texto em que o narrador nos mostra o que Pedro está vivenciando nesse momento nas aulas da autoescola:

Olho pelo espelho junto com o olho do Pedro. Estamos no carro da autoescola aprendendo a dirigir a vida – ou o fusca. Ele aprende a dirigir num fusca. Volta e meia um ônibus ocupa todo o espelho, parece que encostou, que medo, mas some ultrapassando. Volta e meia uma rua enorme lá atrás ocupa todo o espelho. Pedro olha pelo espelho e não vê o seu olho – vê uma rua enorme lá atrás. Duas mãos no volante, um olho na frente e um olho pra trás. Que traz a sua história no retrovisor. Acelera e freia. Sonha e acorda. Avança e desvia. Pensa e repete. Repete. Procura ruas vazias, mas não por medo dos ônibus. Nas ruas vazias, procura a imagem da rua enorme lá atrás. Nessa rua, enorme na sua memória, a casa de uma avó. Essa casa foi vendida, já deve estar demolida, mas continua lá atrás – espelhada. A memória tem miragens que a tensão da vida presente ainda não reconhece. A casa de uma avó na rua das amendoeiras antigas. Coça as minhas costas? (BERNARDO, 2010, p.104 e 105)

Em “Portão”, Pedro para do lado de fora do portão de uma casa e observa distante a festa que acontece lá dentro, ele não entra, mas ali do lado de fora do portão a mente passeia longe com muitos pensamentos vagando. Até que é quase de manhã quando a festa acaba e Maria, que ele não viu entrar sai pelo portão, e dessa vez Pedro não vai deixar outra mulher (que pode ser a da sua vida) apenas passar por ele, e eles acabam conversando enquanto tomam café da manhã em um botequim ali perto.

A próxima subdivisão se intitula “Cama” e aqui encontramos Pedro primeiro na escola discutindo com seus colegas sobre o conteúdo da aula de Geografia, e

logo em seguida vai para casa e dorme um pouco, está ansioso, pois mais tarde tem um encontro marcado com Maria na casa dela. Pedro, em alguns momentos, ainda oscila entre o final da adolescência e o começo da vida adulta, sempre na busca por encontrar a si mesmo, ele ainda está em transição, em todos os sentidos. Chegando a casa de Maria eles conversam e acontece o que Pedro tanto desejava, eles se beijam, foi melhor do que as expectativas dele porque foi real, e agora ele tem uma namorada.

“Pedro”: a quinta e última subdivisão do terceiro bloco e última parte da obra, a única divisão com nome diferente das demais. Mas ao mesmo tempo, semelhante às outras duas subdivisões de número cinco dos outros dois blocos que receberam como título “na pedra”, pois todas elas retratam um Pedro que quer ser pedra e tantos outros “pedros” com a sua timidez, inquietações e questionamentos. Portanto, partindo desse ponto de vista, são subtítulos diferentes, mas que retratam a evolução de um mesmo Pedro pedra. Nessa parte o jovem casal de namorados, Pedro e Maria, acampam em meio à natureza, conversam, fazem fogueira juntos, conhecem melhor um ao outro, vivem todas as experiências que o primeiro namoro proporciona. Pedro maravilhado, e ainda que não tenha muita certeza de nada e nem saiba como será o futuro, ele vive e aproveita o agora.

Abaixo, temos um trecho onde vamos ver o que Pedro tem pensado diante dos novos acontecimentos de sua vida:

“Eu aqui como sempre quis. Pensei neste dia tão longe. Mas tá aqui. Comigo. Essa neblina, esse frio, a cascatinha, a montanha e as pedras. O lugar mais bonito do mundo. Logo na primeira vez que eu acampo o mundo é lindo. Ora, porque a Maria acampa comigo. Não mereço tanto. Ou mereço? Mereço sim. Maria, minha namorada, minha primeira mulher. Quem sabe minha companheira. Pelo resto da vida? O que é o resto da vida? Não quero resto, quero a vida agora. Agora que nem sei direito quem é ela e isso é bom. Sei que é Escorpião, bonita, morena, beija gostoso, forte, decidida. E ainda não sei de nada. Enfim, nada se sabe.”  
(BERNARDO, 2010, p.132 e 133)

O sentimento aqui é de que Pedro se torna o que ele almejava lá no primeiro capítulo, encontra seu lugar, ao mesmo tempo em que se importa com os outros ao seu redor, e que de uma forma leve e natural ao buscar seu lugar no mundo ele abre caminho para que outros pedros se encontrem consigo mesmos também.

Destaco aqui o pensamento final de Pedro na obra, em que ele retrata os sentimentos e sensações que tem no exato momento em que se encontra, vejamos:

“Gosto demais quando ela me chama moço bonito. E ela gosta muito de fogueira. Nem sabíamos como é que se fazia, mas tá feito. Acendeu. O fogo, o frio, o céu estrelado, caraca. No alto da montanha a neblina se assanha e brinca de esconder com a lua e com as estrelas. O fogo reflete nas pedras em volta. Cada pedrão, cada brilho incrível. Vontade de nunca mais sair daqui. Ficar aqui pra sempre com Maria, conhecendo, gostando, crescendo. Dilatando como uma pedra.(...)” (BERNARDO, 2010, p.134 e 135)

“(...) Importante é que eu tô gostando: daqui, da fogueira, do frio, do mistério da Maria, de mim. Ih, eu tô gostando de mim. Eu aqui, entre as pedras, me chamo Pedro. Tudo começa hoje. Sou o primeiro homem do mundo a me apaixonar. Se sou o primeiro, aprendo com quem? Com Maria. Com o fogo. Com o frio. Com as pedras. E comigo mesmo. Eu sou o meu próprio modelo.” (BERNARDO, 2010, p.135)

Pedro se torna finalmente a pedra fundamental, mas a pedra da sua própria vida, agora enfim ele entendeu, o seu modelo de vida é ele mesmo, tudo tem seu tempo e tudo acontece no próprio tempo dele. As descobertas que ele fez, está fazendo e fará nunca estiveram atrasadas, sempre foram no tempo em que ele estava preparado para vivenciá-las, e agora que ele sabe isso, e que se elegeu como seu próprio modelo a seguir tem certeza de que poderá experienciar momentos tão grandiosos e intensos como esse que é o de se descobrir a si mesmo, encontrar a sua identidade e ser dono de si mesmo, se olhando como e quem se é de fato.

Podemos observar que Pedro apesar de bastante observador e de viver muito no pensamento não entra em grandes conflitos internos. Ele apresenta questionamentos comuns à grande maioria das crianças e adolescentes, e na fase em que ele começa a ler e estudar mais isso se intensifica, pois ele está aprendendo cada vez mais coisas novas. Quando a obra nos traz títulos de divisões de bloco se referindo às instituições como a igreja, por exemplo, não necessariamente está fazendo menção de fato à instituição e ao espaço físico igreja, mas a encontrar a sua instituição, o seu lugar, a sua turma, o próprio Pedro fala o quanto se sente deslocado e desenturmado.

É sobre cada um encontrar o seu lugar, a sua tribo, seu espaço para compartilhar com pessoas, com objetivos, desejos e gostos em comum (ou nem tanto, mas que sejam “compatíveis”).

Durante toda a obra percebemos a poética e o lirismo bem presentes, nos trechos mencionados acima e também no começo de cada capítulo antes do início da narrativa, onde encontramos um poema, que ilustra com bastante lirismo o que vamos encontrar ao longo do texto. E após esse primeiro momento, encontramos uma narrativa recheada de poesia, onde Pedro traduz suas expressões de forma poética. Abaixo, trago um trecho do começo da obra, onde o jovem Pedro enquanto está em uma igreja acompanhado dos pais, e a partir do que ele ouve na missa, começa em um diálogo interno, a questionar e inquietar-se a respeito da relação e do seu próprio olhar diante de si, sobre o olhar e expectativas do mundo para com ele, sobre quem ele deveria ser, o que deveria representar, e o que os outros esperam dele, e o lirismo se faz claramente presente aqui:

“Meu nome vem de pedra. Meu nome vem do santo. O santo que foi a primeira pedra. Vou virar santo? Me chamam de Pedro. Eu posso e eu quero ser um Pedro? Não sei direito o que quero, só sei que quero muito. Mas eu sou Pedro. Então tenho de seguir os passos desse cara. Como vão me chamar no futuro? Santo não posso ser, já tem um. Se eu tivesse nascido lá atrás com esse nome, mas não nasci. Fazendo que nem o santo eu não posso ser santo, só se tivesse outro nome. Posso ser o quê? Jogador de futebol, cientista famoso, médico de todos os pobres, presidente da República, o quê? São Pedro foi a pedra da igreja, a primeira. Do que é que eu posso ser a primeira pedra, aquela que faz a base de todo o edifício? Difícil demais, ainda não sou bastante homem para saber. Que nem papai diz: estudar muito, comer muito, crescer muito. Queria ser um pedro que nem o santo. Dar a minha vida pelos outros, pelo resto da vida ter meu nome lembrado pelos outros. Pedro deu a vida pela gente, incrível: tô ficando emocionado. Esse é o meu caminho? Mas como é que se dá a vida pelos outros?” (...) (BERNARDO, 2010, p.16 e 17)

Pedro também nos narra a sua visão das relações com os outros, sejam elas com a família, amigos, instituições (como a igreja e a escola, por exemplo) e a própria relação consigo mesmo e com as mudanças que a adolescência traz, como o começo dos relacionamentos amorosos e tantas outras relações e transformações que experienciamos nessa fase tão rápida e ao mesmo tempo tão intensa, e por vezes desafiadora também, que é a adolescência. Pedro que anseia por ser pedra,

ao mesmo tempo em que luta contra sua timidez e para ultrapassar essa barreira, também bastante comum aos jovens na faixa etária em que ele se encontra, nos abre os olhos para um mundo de situações e descobertas da juventude através do seu próprio olhar de adolescente. Ele só deseja entender o que se passa com a própria vida, corpo, sentimentos, ações, desejos, medos... E a partir disso, nos narra fatos únicos, que todos nós já vivenciamos ou iremos vivenciar, porém, cada um a sua maneira.

Para que possamos analisar a obra **Pedro pedra** como romance de formação, primeiramente é preciso elencar as características do romance de formação, tanto as do romance clássico e do transformado ao longo do tempo também. O clássico romance de formação retrata o processo de formação e amadurecimento emocional do personagem, levando em consideração sua trajetória da juventude ao começo da vida adulta, fala de um sujeito em tenra idade que se torna adulto, e a narrativa acompanha todo esse processo de amadurecimento e transformações.

Mas se preocupa em retratar muito mais o amadurecimento do jovem de forma mais ampla do que focar na passagem cronológica do tempo e na transição entre as fases. No *bildungsroman* clássico, a narrativa traz um jovem pronto, que acompanha e faz parte das mudanças históricas e sociais vividas pela humanidade na sua época e é um jovem mais reflexivo diante de assuntos mais complexos e profundos da vida.

Já após a transformação do gênero, ainda que o romance de formação siga apresentando características bem semelhantes à sua versão clássica, não engloba reflexões maiores do jovem, mas mais cotidianas e rotineiras. O gênero se tornou mais flexível também e acompanha a evolução dos jovens que apresentam um amadurecimento mais tardio e que compreende várias fases da vida apresentando dilemas diferentes, narra também questões mais cotidianas e internas dessa busca por sua própria identidade, por seu espaço e grupo de convivência. Os personagens normalmente são os chamados anti-heróis, onde são retratados os jovens comuns, que se sentem deslocados muitas vezes e apresentam suas percepções da vida pelo olhar da juventude contemporânea, que por vezes ainda carrega muito da infância para a adolescência e da adolescência para a vida adulta. Esses processos

de amadurecimento têm sido mais tardios na contemporaneidade e isso se reflete nas obras do gênero romance de formação após a sua transformação.

A obra **Pedro pedra** nos traz esse jovem que se sente deslocado em relação ao todo, tímido, que está em busca da sua identidade, do seu eu, mas que vive dilemas e experiências comuns de acordo com a fase em que se encontra. Pedro narra sua vida da infância até a maioridade e todo seu processo de desenvolvimento, pertencimento e amadurecimento emocional durante esse período. É uma obra que nos traz esse jovem que não vive grandes dilemas e não se apodera das questões sociais coletivas, que vai amadurecendo a partir dos acontecimentos externos e internos, do passar do tempo e da transição entre as fases da vida.

Como o romance de formação após o seu período de transformação considerando a obra inaugural do gênero, também engloba essas características, **Pedro pedra** pode ser considerado um romance de formação contemporâneo que por muitas vezes se confunde com a literatura juvenil, visto a proximidade de suas características e formas de narrar esses processos comuns a todos nós em algum momento da vida.

## 5.2 Experiências e transformações: de Pedro aos leitores

O que o leitor encontra de si na figura de Pedro? E encontrando isso, que tipo de experiência o leitor encontra na obra e se identifica? Começamos observando que, apesar de parecer ter uma vida perfeita, podemos perceber o quanto o Pedro sofre. Por ser um jovem de classe média, ele realmente usufrui de tudo o que quer materialmente, mas o emocional do menino, que passa a jovem e logo mais a adulto, desenvolve-se através das suas vivências internas e por influência do mundo externo, é claro. Percebemos um jovem bastante solitário, longe inclusive da família, pois notamos pouquíssimos diálogos com seus pais, e praticamente nenhum direcionado ao Pedro.

Durante a infância, o paraíso é na casa dos avós, ao mesmo tempo em que é proibido de passar do portão e brincar com as outras crianças na rua. Ou seja, por essas e outras experiências, o menino não tem incentivo externo para a curiosidade

ou para encontrar consigo mesmo e parte então do próprio jovem, e ainda na infância, essa busca incessante por reconhecer de fato a verdadeira identidade do Pedro.

A imaginação e a curiosidade do menino, que vão se alterando ao longo do tempo, se materializam em pensamentos inúmeros que bombardeiam sua mente, mas também contribuem para que ele encontre a si mesmo. Ainda que permaneça cheio de dúvidas, inquietações, desejos, medos, sonhos... ele segue na busca por encontrar o verdadeiro Pedro dentro de si.

Então, o que o leitor encontra na figura de Pedro e permite que ele se identifique com o protagonista, são justamente esses questionamentos, a imaginação e curiosidade, a busca ferrenha por encontrar a si mesmo diante de todos os outros, a timidez e a solidão que muitas vezes são avassaladoras. E tudo isso, além de colocar o leitor no lugar desse protagonista e vice-versa, faz com que vivam e experienciem vivências muito semelhantes, principalmente em se tratando da busca pelo reconhecimento e pertencimento de si próprio.

Por vezes essa busca é dilacerante, nos toca, nos rasga, nos atravessa, pode ser leve e dolorosa ao mesmo tempo, mas nos transforma profundamente, e o melhor de tudo, nos transforma em nós mesmos. Olhando para as experiências como algo pelo qual passamos mas que após esse episódio saímos transformados, atravessados pela experiência que vivemos, Larrosa nos fala sobre essas transformações que a leitura enquanto experiência pode e causa em nós leitores, e é claro, com os adolescentes leitores de **Pedro pedra** não é diferente. Jovens que assim como o protagonista entram em conflitos internos, mas que aos poucos e com o seu amadurecimento, os levarão ao encontro de si mesmos. Vamos ao que Larrosa nos traz sobre as transformações que a leitura vista como experiência pode causar no leitor:

(...) Por otra parte, sólo comprendemos quién es otra persona al comprender las narraciones que ella misma u otros nos hacen. Es como si la identidad de una persona, la forma de una vida humana concreta, el sentido de quién es y de lo que se pasa, sólo se hiciera tangible em su historia.

Si esto es así, la relación entre la narrativa y la comprensión y la autocomprensión es evidente. Si el sentido de quién somos está construído narrativamente, en su construcción y en su transformación tendrán un papel

muy importante las historias que escuchamos y que leemos así como el funcionamiento de esas historias en el interior de prácticas sociales más o menos institucionalizadas como, por ejemplo, las prácticas pedagógicas. La autocompreensión narrativa no se produce en una reflexión no mediada sobre sí mismo, sino en ese gigantesco hervidero de historias que es la cultura y em relación al cual organizamos nuestra propia experiencia (el sentido de lo que nos pasa) y nuestra propia identidad (el sentido de quién somos). (LARROSA, 1996, p.28)<sup>3</sup>

A partir da obra de Larrosa, podemos compreender melhor o papel das obras literárias e das narrativas nas nossas vidas, e como elas contribuem para o nosso desenvolvimento pessoal e amadurecimento emocional. É através das histórias que os outros nos contam sobre eles mesmos que podemos compreender quem de fato eles são. Ao passo que nós mesmos passamos a nos compreender melhor e a reconhecer a nós mesmos a partir das histórias que contamos sobre nós. Essas narrativas sobre as pessoas são como identidades delas mesmas. Por isso também, acompanhar a narrativa sobre a vida de Pedro conduz o leitor a conhecer mais do personagem e a partir das experiências e transformações vividas pelo jovem protagonista, o leitor consegue conhecer, reconhecer e transformar-se a si próprio. O leitor adquirindo as suas próprias experiências e transformações passa a narrá-las, a contar a sua ou as suas histórias, e assim, cria e encontra a sua identidade.

Considerando é claro que cada pessoa ainda que passe pelas mesmas situações de outrem irá experienciá-las a sua maneira, visto que cada indivíduo é único, e encontrará sua identidade utilizando de caminhos igualmente únicos. Nesse caso, ao ler a obra **Pedro pedra**, os leitores podem se sentir impelidos a buscarem sua identidade e amadurecimento, a partir das experiências retratadas na narrativa e vividas pelo protagonista, porém, cada um viverá suas próprias experiências e transformações. E, assim como Pedro, a partir das experiências do protagonista, o

---

<sup>3</sup> (...) Por outra parte, somente comprendemos quem é a outra pessoa ao compreender as narrações que ela mesma ou outros nos fazem. É como se a identidade de uma pessoa, a forma de uma vida concreta, o sentidos de quem é e do que se passa só se fizesse tangível na sua história. Se isso é assim, a relação entre a narrativa e a compreensão e a autocompreensão é evidente. Se o sentido de quem somos está construído narrativamente, na sua construção e na transformação terão um papel muito importante as histórias que escutamos e que lemos, assim como o funcionamento dessas histórias no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas como, por exemplo, as práticas pedagógicas. A autocompreensão narrativa não se produz numa reflexão não mediada sobre si mesma, mas sim nesse gigantesco enxame de histórias que é a cultura em relação a qual organizamos nossa própria experiência (o sentido daquilo que nos passa) e nossa própria identidade (o sentido de quem somos). (Tradução nossa).

jovem leitor encontra a si mesmo e tem a oportunidade de compreender e tornar-se enfim a pedra fundamental de sua própria vida, o seu próprio modelo. Larrosa também nos fala dessa individualidade das experimentações, onde cada indivíduo viverá cada experiência a sua maneira, vejamos o que ele nos fala:

(...) En segundo lugar, es un saber particular, objetivo, relativo, personal. Gadamer dice muy bien, que dos personas, aunque enfrenten el mismo acontecimiento, no hacen la misma experiencia. Y dice también que la experiencia no puede ahorrársela nadie, es decir, que nadie puede aprender de la experiencia de otro a menos que esa experiencia sea de algún modo revivida. En tercer lugar, es un saber que no puede separarse del individuo concreto em quien encarna. El saber de experiencia no está, como el conocimiento científico, fuera de nosotros, sino que sólo tiene sentido em el modo como configura una personalidad, un carácter, una sensibilidad o, em definitiva, una forma humana singular que es a la vez una ética (un modo de conducirse) y una estética (un estilo). Por último, tiene que ver com la << vida buena >> entendida como la unidad de sentido de una vida humana plena: una vida que no sólo incluye la satisfacción de la necesidad sino, sobre todo, aquellas actividades que trascienden la futilidad de la vida mortal. El saber de experiencia enseña a vivir << vivir humanamente >> y a conseguir la << excelência >> em todos los âmbitos de la vida humana: em el intelectual, em el moral, em el político, em el estético, etc... (LARROSA, 1996, p.24)<sup>4</sup>

Portanto, a experiência é algo único, que nos toca, nos atravessa e nos transforma, e vem de dentro de nós, não somente passa por nós. A leitura como experiência nos traz o impulso de buscarmos as transformações internas necessárias, pois através das vivências muitas vezes semelhantes às nossas e das transformações dos personagens, buscamos também experimentar e transformar a nós mesmos.

---

<sup>4</sup> (...) Em segundo lugar, é um saber particular, objetivo, relativo, pessoal. Gadamer disse muito bem que duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. E disse também que ninguém pode ser poupado da experiência, ou seja, que ninguém pode aprender a experiência do outro a menos que ela seja de algum modo revivida. Em terceiro lugar, é um saber que não se pode separar do indivíduo concreto ao qual encarna. O saber da experiência não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas sim que somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em uma forma singular que é a ética ( um modo de dirigir-se) e uma estética ( um estilo). Por último, tem a ver com a “vida boa” entendida como a unidade de sentido de uma vida humana plena: uma vida que não só inclui a satisfação da necessidade como também, sobre tudo, aquelas atividades que transcendem a futilidade da vida mortal. O saber da experiência ensina a viver, “viver humanamente” e a conseguir a “excelência” em todos os âmbitos da vida humana: no intelectual, no moral, no político, no estético, etc. (Tradução nossa).

O protagonista da obra passa por experiências comuns a todos nós, perde pessoas que ama e precisa lidar com o luto e enfrentá-lo, entra nos processos de crescimento, passando de uma fase da vida para outra, onde o corpo, os interesses, os desejos e anseios, os medos e questionamentos mudam e muitas vezes fica difícil de entender tudo isso e a si mesmos em meio a esse turbilhão de emoções e acontecimentos. Passa por várias etapas do amadurecimento emocional, apenas os momentos de transição de uma fase para outra da vida já são processos muitas vezes dolorosos, e todas essas são vivências a que cada um reage da sua forma. São experiências que, ainda que comuns a todos, são únicas a cada indivíduo.

Os leitores da narrativa se identificam com Pedro e se reconhecem nele por compartilharem experiências e conflitos muito semelhantes. E da mesma forma que o jovem por muito tempo procurou um modelo para sua vida, os leitores veem nele esse modelo para si, ao final, sabemos o que ele descobriu, mas os jovens leitores talvez ainda não saibam, e somente vivendo as suas próprias experiências é que saberão. Para isso é preciso que algo interno os impulse nessa busca, e movidos pela leitura como experiência da obra **Pedro pedra** eles encontram a inspiração necessária e partem em busca de seus próprios modelos, de sua própria pedra fundamental da vida, partem na jornada em busca de si mesmos.

Então, levando em consideração todas as relações já feitas até aqui com os gêneros literatura juvenil, romance de formação, e com a própria leitura enquanto experiência que nos atravessa, nos toca e nos transforma, eu diria que a cada avanço que a narrativa apresenta, a formação de Pedro traz algo de significativo na transformação e experiência dos jovens leitores.

Primeiramente a identificação com o personagem nas mais diversas situações e vivências. Esse reconhecimento de si mesmo contribui não só com a transformação e amadurecimento do leitor, mas desperta os sentidos para a busca do mesmo. Ora, se o jovem Pedro, estando na mesma faixa etária, vivendo as mesmas experiências, compartilhando suas inquietações, sonhos, medos e desejos se entregou na busca por si mesmo, pela sua própria identidade, o leitor pode sentir esse mesmo anseio, e influenciado pelo jovem protagonista, e também parte em busca de si mesmo e de sua própria identidade, muitas vezes por caminhos internos que só ele mesmo conhece e pode vir a conhecer.

O sentimento de pertencer a algo, seja um lugar específico, um grupo, a si mesmo ou apenas sentir que se faz parte do mundo, que existe um lugar para si, é algo inerente aos jovens que estão nessa fase de amadurecimento, eu diria ainda que é fundamental, pois o adolescente em especial possui essa necessidade de ser e estar pertencente, de se sentir acolhido com toda a sua diversidade. E aqui, junto com as experiências de Pedro, o leitor que o acompanha tem a oportunidade de dividir todas as inquietações e anseios com ele, enquanto cresce e se desenvolve emocionalmente junto com ele.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do olhar do jovem Pedro, podemos perceber a identificação dos leitores com as experiências narradas pelo protagonista. Todas as mudanças e transformações vivenciadas na obra atravessam os jovens leitores que estão passando pelas mesmas experiências e amadurecimento. E podemos ver um exemplo dessas mudanças retratadas na narrativa do protagonista de **Pedro pedra**, onde o próprio Pedro nos fala sobre as suas inquietações perante a igreja e a escola, que são instituições frequentadas por ele ainda na infância, e que são também instituições comuns na vida de muitos adolescentes. Assim como todas as outras vivências, como ter que lidar com a morte de um ente querido, a rebeldia que por vezes pode surgir, as relações que vivenciamos nessa fase, e todas as outras experiências e transformações que culminam no amadurecimento do personagem, assim como dos leitores que se identificam com a busca por si próprios.

A pergunta fundamental deste trabalho sempre foi se é mesmo possível considerarmos a obra **Pedro pedra** como um romance de formação ou *bildungsroman*. E analisando tudo que já vimos até aqui, passo a responder de forma afirmativa a nossa pergunta inicial, ou seja, sim, a obra **Pedro pedra** encontra lugar na classificação como romance de formação, pois ela atende a um requisito básico para tal, ela retrata o mesmo que um *bildungsroman* clássico narra, que é a formação e o amadurecimento emocional do jovem em sua forma mais ampla. Porém, essa narrativa nos traz tudo isso nos moldes do romance contemporâneo, adaptado ao jovem moderno.

Como vimos anteriormente, Larrosa nos mostra que uma experiência é algo que não somente passa por nós, mas que fica em nós e nos modifica de alguma maneira. Pensando na leitura enquanto experiência como algo que nos atravessa, nos transforma, e até mesmo nos deforma, **Pedro pedra** tem potencial para tornar-se uma experiência enquanto leitura, visto que os jovens leitores, apropriando-se das vivências do protagonista Pedro, são atravessados, modificados, transformados e deformados por essa narrativa também. E assim como o romance de formação não está encarregado de narrar a formação educacional ou pedagógica do jovem, a

obra **Pedro pedra**, que narra essas transformações e amadurecimento emocional do jovem protagonista em várias áreas da vida, engloba e refere-se às transformações internas que compreendem o experimentar do amadurecimento emocional dos jovens.

É claro que nesse caso estamos observando as características de uma obra contemporânea e, como já falamos, é uma obra que se for comparada com a inaugural **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Goethe, provavelmente não irá se encaixar nas mesmas características, porém, isso não significa que **Pedro pedra** não seja considerado um romance de formação. O fato é que as experiências, os questionamentos, sonhos, medos, a forma e o processo de amadurecimento e transformação dos jovens Wilhelm e Pedro são completamente diferentes, e de certa forma nem poderiam ser comparados, pois são personagens diferentes, com características e representantes de tempos históricos e sociais distintos entre si.

O fato de o romance de formação acompanhar as mudanças e transformações não só internas dos protagonistas, mas, também as externas, e da sociedade como um todo, é quase impossível que consigamos alinhar todas as obras com essas características dentro da classificação de *bildungsroman*. Percebendo que essas obras, assim como o gênero, atravessam o tempo, a história e suas modificações, é notável que sempre estarão sofrendo alterações em sua estrutura e enredo, ao mesmo tempo em que não deixarão de se enquadrar no gênero romance de formação.

Concluindo, é o caso da obra **Pedro pedra** que, por ser um romance de formação contemporâneo, pode ser comparada com a obra inaugural ou mesmo com outras representantes do gênero. Mas ao trazer essa comparação, deve-se considerar que a obra analisada nesta pesquisa, representa os jovens da atualidade, que possuem demandas diferentes de experiências e transformações, que não correspondem ao que viveu o jovem representado na obra de Goethe. Portanto, considero a obra de Gustavo Bernardo, enquanto *bildungsroman*, uma ótima opção de leitura do gênero romance de formação na atualidade, representante das questões dos jovens leitores que tem acesso a ela. Com isso, pode proporcionar

esse sentido de busca da identidade de si mesmo e de encontro de si através das experiências do jovem Pedro.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERNARDO, Gustavo. **Pedro pedra**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2010. 135 p.

CNPQ. **Gustavo Bernardo Galvão Krause**. Brasil. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1583187829341554>. Acesso em 30 de junho de 2022.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Estudios sobre Literatura y Formación. 1ª edição. Barcelona: Editora Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In **Revista da Educação Brasileira**. Campinas, 2002. Tradução João Wanderley Geraldi.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORETTI, Franco. **O romance de formação**. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2020.

PUGA, Rogério Miguel. **O Bildungsroman (romance de formação): perspectivas**. Institute of Modern Languages Research, School of Advanced Study, University of London, 2016.

RAMOS, Ana Margarida. Narradores adolescentes na literatura contemporânea: na fronteira entre a literatura juvenil e a adulta. In **Leitura em Revista – Literatura Infantil e Juvenil em Debate**, Rio de Janeiro, p. 9-28, dez/2019. ISSN 2179-2801. Versão *online*. Disponível em: <http://ler.iiler.puc-rio.br>. Acesso em: Julho, 2022.

ROCHA, João Pedro Sgarbi. **Ecos do Bildungsroman em O meu pé de laranja lima e Vamos aquecer o sol, de José Mauro de Vasconcelos**. Orientador: Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Letras Português) – Universidade Federal do Pampa, Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Bagé, 2021.

SANTOS, Cássia Farias Oliveira dos. **Narrativas de amadurecimento; relações entre o romance de formação e a literatura infanto-juvenil**. Niterói, 2016.

ZILBERMAN, Regina. Leitores e leitoras jovens – uma literatura toda sua. In: CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes; ROCHA, Renata Rocha. (Orgs.). **Narrativa Juvenil Contemporânea**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2019. Vol. 1, p. 151-170.